

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM CXXI - 121-1-3

60

1951

SOCIOLOGIA

N.º 2

ROGER BASTIDE



ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

2.ª Série

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. Ernesto de Moraes Leme

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor:

Prof. Dr. E. Simões de Paula

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Professôres

SOCIOLOGIA (I)
Prof. Roger Bastide

POLÍTICA
Prof. Charles Morazé

SOCIOLOGIA (II)
Prof. Fernando de
Azevedo

ANTROPOLOGIA
Prof. Emilio Willenus

Assistentes

Antônio Cândido de
Mello e Souza
Egon Schaden
Florestan Fernandes
Gilda Rocha de Mello
e Souza
Lourival Gomes Macha-
do (livre-docente da
Cadeira de Política)

Auxiliares de Ensino

Maria Isaura Pereira de
Queiroz

Paula Beigelman

Gioconda Mussolini

Toda correspondencia deverá ser endereçada para

Rua Maria Antonia, 294

Caixa Postal N.º 8.105

SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM CXXI

SOCIOLOGIA

N.º 2

ROGER BASTIDE



ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

2.ª Série

“O êrro de parte consideravel dos estudos feitos nos últimos tempos entre nós a respeito da influência do negro parece-me consistir no fato de encararem com demasiada insistência o lado pitoresco, anedótico, folclórico, em outras palavras o aspecto exótico do africanismo. Não que tudo isso seja em si desprezível, mas antes porque a atenção dirigida quase exclusivamente sobre tais pormenores é uma variante apenas mais inteligente do modo tradicional de considerar a questão e que consistia em fazer por esquecê-la ou ignorá-la... A limitação que a meu ver encerra êsse interêsse recente pelos estudos em tórno do negro brasileiro vem do fato de encararem a questão não como um problema, mas antes como um espetáculo”.

Sergio Buarque de Holanda

(Cobra de Vidro)

OS SUICÍDIOS EM SÃO PAULO, SEGUNDO A CÔR

Estudo feito com o auxílio da documentação recolhida em 1943 pelos alunos do primeiro ano, (cadeira de sociologia), sob a direção de Giocondt Mussolini, assistente técnica.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Para melhor compreender a importancia do fator racial no suicídio, temos, naturalmente, de partir da etnografia e observar o lugar que o suicídio ocupa na mentalidade dos povos africanos.

Ora, si deixarmos de lado o suicídio que Durkheim chamava de "altruista" e que os norte-americanos designam sob o nome de "costumeiro", isto é, aquêle que é imposto, em certas circunstancias, pelos costumes, como em Dahomey, por ocasião da morte do rei, o sacrificio de suas mulheres, de seus escravos e de seus companheiros, — si deixarmos de lado êsse suicídio, veremos que o suicidio, em geral, é mais raro entre os negros do que entre os brancos. (1).

Com efeito, o grupo social não o aprova e isso menos por razões utilitárias e morais que por razões de ordem religiosa. A alma do homem que se matou é considerada como sendo particularmente maligna e perigosa, ou porquê a morte pelo suicidio não se apresenta como uma morte natural, ou porquê o defunto ainda guarda os sentimentos desesperados que o levaram a pôr um termo à vida, e sua alma permanece, desse modo, eternamente danada. (2). Mas, si bem que raro, o suicidio existe; ainda mais: como os pri-

(1) Durkheim — "Le suicide", Paris, 1897 — Cavan: "Suicide". Chicago, 1928. — Steinmetz: "Suicide among primitives people" (Amer. Anthropologist — VII, 1894).

(2) Westermarck — "Origine et developpement des idées morales" tr. fr. Paris, 1928.

mitivos fazem pouco caso da vida, não tendo, como os ocidentais o sentimento de individualidade tão fortemente constituído, chegam a se matar por motivos que nos parecem bem fúteis, como sejam uma simples disputa conjugal ou um brusco movimento de ciúme... Westermarck, que realizou, através dos testemunhos dos exploradores, uma pesquisa sobre o suicídio entre os selvagens, notou como causas principais: o amôr enganado, o ciúme, a doença, a velhice, a tristeza pela morte de um ente querido, o temor de um castigo, a escravidão, a brutalidade dum esposo, o remorso, a vingança. Como vemos, são os mesmos motivos — talvez com exceções de dois dêles — encontrados nos atuais suicídios dos ocidentais.

Essas duas exceções devem nos reter um momento: a idéia de que a alma continua a viver depois da morte e de que a alma do suicida é particularmente perigosa, cruel e vingativa, leva o fraco, com frequência, a pôr fim aos seus dias para que a sua sombra persiga o culpado, o arruíne, o sobrecarregue, a ele e à família, de tristezas sem número. Embora êsse tipo de suicídio tenha sido estudado principalmente na China, também existe na Africa; Ellis, por exemplo, encontrou-o entre os povos de lingua Tchi, da Costa d'Ouro (1). Quanto à escravidão que existe no continente africano, retirando ao homem o seu estatuto social de homem livre, leva-o a desesperar do destino e procurar a salvação na morte. E, num caso mais particular, quando o escravo, prisioneiro de guerra, é conduzido para longe de seu país natal, de sua tribo de origem, procura no suicídio um meio de retornar a sua terra, por intermedio da reencarnação. Pelo menos, é o que nos atesta Tylor, em relação aos escravos negros da Africa oriental.

Quando o tráfico negreiro carregou para o novo continente as "peças de ébano" necessárias às grandes plantações dos brancos, os barcos não trouxeram apenas homens mas costumes, representações mágicas, sentimentos coletivos. A escravidão veio modificar, sem dúvida, a mentalidade dos trabalhadores negros mas, no caso dos negros quilombolas, quando o africano conseguia escapar ao jugo servil e esconder-se nas profundezas da floresta, aí ressuscitava sua existencia tribal; o suicídio era aí, como no longínquo país natal, mal visto pelo grupo, mas continuava a

(1) Richard Lasch — "Rache als Selbstmordmotiv" (Globus, 1898).

subsistir, sob uma fôrma esporádica, como expressão da vingança. E' o que acontece, ainda hoje, entre os "negros do mato" da Guiana Holandêsa. (1)

Por tôda a parte a escravidão facilita a multiplicação dos suicídios.

Nas colonias francêsas da América, estudadas sob êsse ponto de vista, chegou-se a deduzir um certo numero de leis, ou, pelo menos, de tendências. Em primeiro lugar, a frequência do suicidio está na razão inversa da criminalidade; a luta contra o senhor se traduz sob duas fôrmas opostas; ou matam-no ou matam-se. No entanto, como é bastante difícil fazer justiça com suas próprias mãos, pois o branco está protegido por todo o emaranhado das leis, o suicidio é, para a maioria das tribus escravizadas, a solução preferida. Existe, não há dúvida, o suicídio altruista, como o daquêle criado negro de S. Domingos que, não desejando sobreviver ao assassinato de seu amo, mata-se sobre o seu cadaver. Porém, em geral, o suicídio se apresenta como um protesto contra o regime servil; seja diretamente, privando o proprietario dum trabalhador, escrevendo, antes de se matar, uma carta onde se acusa um amigo para que, assim, este seja condenado, ou esperando que a alma do defunto persiga o branco e o torture; seja indiretamente, para libertar-se duma existencia insuportavel, o que é o caso mais frequênte — ou tambem por nostalgia, por saudade da patria perdida. Finalmente, os meios empregados diferem segundo as raças, o negro preferindo o enforcamento, o branco as armas de fogo; em Reunião, sobre 22,2 suicídios de negros, 17,3 eram por estrangulamento e 1,8 por armas de fogo. (2)

Si pularmos ,agora, das Antilhas para o Brasil, veremos que as coisas não se passam de maneira diversa. Aqui tambêm, os suicídios de escravos são frequêntes, talvez mais frequêntes mesmo que nos outros países escravagistas; pelo menos é essa a observação que faz Kidder, encontrando no Brasil uma porcentagem maior que nos Estados Unidos e explicando-a, naturalmente, como bom propagandista protestante, que é, pela menor influencia religiosa do catolicismo sobre a alma do negro. (3) A observação pôde parecer

(1) M. and Fr. Herskovitz — "Rebel Destiny", New York, 1934, pg. 76-5.

(2) A. Corre: "L'ethnographie criminelle", Paris, 1894.

(3) Kidder e Fletcher — "O Brasil e os brasileiros", trad. port. S. Paulo, 1941, pg. 146.

quase engraçada, pois é sabido que a vida do escravo era mais doce na América portuguesa que na anglo-saxônia. Mas não estará, justamente, nessa doçura a causa da frequência maior? Tschudi nota, com grande espanto, que os suicídios de escravos são mais numerosos entre os fazendeiros bons que entre os maus; faz uma pesquisa para descobrir quais as razões disso; contam-lhe que o fato devia explicar-se, provavelmente, pela influência dos padres, os Quiombos, que cultivam entre os fieis, não um ódio particular contra esta ou aquela pessoa, mas um ódio geral, um ódio racial contra todos os brancos, sejam quais forem; a explicação não lhe parece das melhores e propõe uma outra, que não julgamos preferível: talvez, diz êle, muitos escravos sejam príncipes ou pequenos soberanos africanos que se matam para, assim, re-encontrar seus antepassados e unir-se a eles no Alem. (1) Na realidade essas duas razões não têm propriamente, uma relação com o fato que é preciso explicar, a ligação do suicídio com a bondade do senhor; e a única significação que vemos é a da ambivalência dos sentimentos do negro que, não podendo transferir seu ódio para o senhor, pois este não o trata com crueldade, e não podendo, ao mesmo tempo, deixar de odiar o regime em que vive, transfere seu violento desejo de matar, do senhor para a sua própria pessoa.

A isso é preciso acrescentar que a permeabilidade ao suicídio variava segundo as etnias. (2) O Mina se revolta e mata; o Galinha, o Gabonês ou o Moçambique, ao contrário, matam-se. Si, ao lado disso, nos lembrarmos que o banzo fazia suas destruições principalmente nessas duas últimas etnias, veremos que o suicídio está ligado à nostalgia da terra natal (3) e que, é, também, a arma do fraco, enquanto a insurreição e o crime são as armas do forte.

Os mais diversos motivos, mas sempre ligados mais ou menos estreitamente à escravidão, podiam levar o negro a

1) Tschudi — "Reise durch Süd-Amerika", II, Leipzig, 1866, pg. 76-9.

2) Suicídios das "Galinhas"; Braz de Amaral: "Os grandes mercados de escravos, Rio, s.d. — Suicídios dos "Gabonêses: Koster: "Voyages pittoresques", II, Paris, 1846, pg. 362. — Taunay: "Historia do Café", III, Rio, 1939 — Walsh: "Notices of Brasil, London, 1830, pg. 331. — Suicídios dos Moçambiques: Koster: "Voyages pittoresques", II, pg. 362. — Nelson da Senna: in Rev. Lingua Portuguesa — IV — pg. 240. — Sobre o suicídio dos Minas, ver: Taunay: "Historia do Café" - III - pg. 240.

3) Sobre a ligação do suicídio com o Banzo, ver Spix e Martius: "Através da Baía", pg. 91, e sobre a importancia da banzo, justamente, entre os Moçambiques, ver: Nelson da Senna, op. c.

atentar contra a sua propria vida. Primeiramente, em certos casos, a vingança: o preço de um escravo era elevado e o suicídio podia assim, se transformar numa forma de guerra; quando um grupo inteiro fazia o juramento de se deixar morrer de fome, ou quando se envenenava coletivamente, fatalmente arruinava o patrão — como aconteceu ao fazendeiro de café, cuja história Koster nos conta, o qual acabou enlouquecendo. (1) O suicídio podia ser tambem, um protesto amoroso contra a escravidão: Koster observa que muitos negros matavam-se por ocasião da venda, quando separavam os esposos, um do outro. (2) Podia ser da mesma forma, um protesto religioso: d'Assier encontrou um velho negro que havia decidido matar-se com todos os companheiros de infortúnio “ Afim de retornar o mais depressa possivel à sua terra” (Não estamos, por acaso, em face da crença de que a alma, depois da morte, volta à tribo de origem para aí se reincarnar?) Mas, no ultimo momento a coragem falta e, dentre todos, apenas um se enforca; o feitor faz descer o corpo, corta-lhe a cabeça, prega-a num poste e brada: “Pois si ele quizer que volte agora para sua terra que bem me importa! A cabeça ficará aqui e todo o filho da p... que fizer o mesmo terá igual sorte: voltará sem cabeça!” — “E o senhor bem sabe, acrescentava o pobre escravo, que não é possivel encontrar o caminho da sua terra, quando não se tem cabeça.” (3)

Os meios empregados para pôr fim a existência eram os mais diversos. Si excetuarmos o fato de comer terra, assinalado por Koster e que é provavelmente um engano, uma confusão com o hábito provocado por uma molestia de origem parasitária (4), parece que, como nas colonias francêsas, o meio mais empregado era o estrangulamento por enforcamento. Mas, ás vezes tambem se asfixiavam enrolando a lingua na garganta, impedindo, desse modo, que o ar entrasse nos pulmões. Ou servindo-se de seus conhecimentos de botânica, da mesma forma que nos sortilégios mágicos, envenenavam-se com infusões de ervas. (5)

Seria necessário verificar e, ainda mais precisar essas observações dos viajantes estrangeiros, por meio de estatís-

(1) Koster., o. c. p. 363.

(2) Citado por Alfredo Brandão: “Os negros na história de Alagôas” (Estudos Afr. Brasileiros, Rio, 1935).

(3) D' Assier — “Le Brésil contemporain”, Paris, 1867, pg. 26-28.

(4) Koster, op. c. pg. 363.

(5) Sobre os suicídios de escravos no Brasil, além das obras citadas, vêr: Walsh: “Notices of Brasil”, II London, 1830, pg. 350 - pg. 344-9, pg. 244-5;

ticas. Infelizmente, si bem que essas estatísticas existam nos arquivos, enterradas nos Relatórios dos Chefes de Polícia, elas, em 1.º lugar, apenas se referem ao fim do período colonial; em 2.º lugar, com algumas raras exceções, ainda não foram publicadas e, em 3.º lugar, estão cheias de lacunas, deixando, certamente, escapar muitos casos. (1) E' verdade que, por outro lado, é possível que os fazendeiros, tenham feito passar na categoria de mortos por suicídio, um certo numero de negros que hajam sucumbido sob os maus tratos ou as torturas brutais, (2) o que faz com que, em ultima análise, as cifras correspondam, mais ou menos aproximadamente, á realidade.

Examinemos, portanto, uma dessas estatísticas, a da Côte do Rio. (3)

ANOS	SUICÍDIOS			TENTATIVAS			TOTAL		
	Livres	Escravos	Estrang.	Livres	Escravos	Estrang.	Suicídios	Tentativas	Total
1870 ..	15	13	9	27	27	11	28	54	82
1871 ..	24	9	8	22	17	10	33	39	72
1872 ..	22	18	11	40	22	11	40	62	102
1874 ..	17	8	9	29	10	17	25	39	64
1877 ..	31	15	16	42	21	24	46	63	109
1878 ..	31	14	14	58	15	24	45	73	118
1879 ..	37	7	21	47	17	24	44	64	108
1880 ..	27	7	10	43	11	15	34	54	88
1881 ..	35	3	14	62	10	21	38	72	110
1882 ..	41	13	11	63	11	—	54	74	128
1883 ..	34	4	20	41	9	17	38	50	88
1884 ..	31	—	8	11	2	4	31	13	44
1885 ..	35	—	15	49	2	9	35	51	86
1886 ..	14	2	5	35	2	—	16	37	53
1887 ..	41	1	17	52	1	—	42	53	95

Ewbank: "Life in Brasil", New-York, 1856, pg. 440 — Koster: op. c. I, pg. 363; — Rocha Pombo: "Historia do Brasil", II, Rio s.d. pg. 559-60; A. S. Antonil: "Cultura e Opulência do Brasil", 1711, cap. IX (meios empregados) — Diversos: "Estudos Afro-brasileiros", Rio, 1935, pg. 125-6; J. Dornas Filho: "A escravidão no Brasil", Rio, 1939, pg. 61 — Manuel Querino: "Costumes africanos no Brasil", Rio, 1938, pg. 147; Freyriess: "Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaiserthum Brasiliens", Frankfurt, 1824, pg. 160 ... etc.

- (1) E' assim que, em 1873, no Estado de S. Paulo, foram encontrados oito negros, num tal grau de putrefação que não foi possível saber si haviam sido assassinados ou si tinham-se matado. Não foram incluídos nas estatísticas dos suicídios. Sabe-se que um deles sofria de loucura mental (Relatorio do Chefe de Polícia de São Paulo, relative a 1873).
- (2) Angelo Amaral: citado por Alcantara Machado: "Suicídios na capital de São Paulo" (3.º Congresso científico latino-americano), (Rio, 1910).
- (3) Viveiros de Castro.

Conseguimos encontrar nos Arquivos da Polícia do Estado de São Paulo um certo número de dados que corroboram as estatísticas do Rio. Si bem quese refiram a apenas dois anos, transcrevemo-los, como um complemento dos precedentes:

ANOS	LIVRES				ESCRAVOS	
	Homens	Mulheres	Nacion.	Estrang.	Homens	Mulheres
1873 (1)	9	—	2	7	9	2
1878 (2)	11	—	8	3	5	6

Um certo número de conclusões se depreendem desses algarismos. Vemos, em primeiro lugar, que a escravidão é responsável pelo maior número de suicídios, principalmente se excluirmos os suicídios de estrangeiros do total de suicídios dos homens livres. Por outro lado, uma vez feita essa eliminação, ainda é preciso não esquecer que, sobretudo no Rio, a população livre compreende, ao lado dos brancos, um numero importante de mulatos e, também, de negros libertos, que continuam carregando consigo a pesada herança do cativo; e então chegamos à conclusão da importancia relativamente mínima do suicídio entre os brasileiros de côr branca. E' que êstes pertencem a uma população latina, católica, tradicional e sabemos, pelas análises de Durkheim, que o suicídio se encontra sempre no seu gráu mínimo, nesse tipo de população. Encontramos, aliás, um testemunho dessa resistencia dos brasileiros brancos ao suicídio, numa anedota contada por Kidder: "Pouco antes de nossa chegada a esse lugar, (uma cidadezinha do Estado de São Paulo), um jovem pertencente á respeitavel família, tendo perdido tôda a sua fortuna num carregamento de escravos, importados de Africa, puzera termo à existência. Dizia-se ser êsse o primeiro caso de suicídio de que se tinha noticia, pela redondeza, e, por isso, causou sensação em todas as camadas sociais. Devemos frisar que o suicídio é muito raro no Brasil." (3) Si tomarmos como exemplo a década 1870-1880, a mais antiga sobre a qual temos dados precisos, vere-

(1) Relatório do Chefe da Polícia de São Paulo, relativo a 1873, pg. 22.

(2) Relatório do Chefe de Polícia de São Paulo, relativo a 1878, pg. 63.

(3) D. R. Kidder: "Reminiscencias de Viagens", trad. port. S. Paulo, s. d. pg., 266.

mos que, no Rio, há 91 suicídios de escravos para 106 de brasileiros livres e 136 tentativas, entre os escravos, para 172 entre os brasileiros livres. Em São Paulo, de 1873 a 1878, há 22 suicídios de escravos para 10 de brasileiros livres. A diferença que encontramos entre São Paulo e o Rio se explica facilmente: a capital era muito mais urbanizada, com tôdas as consequências que isso traz como desorganização moral e mental. Aliás, mesmo nessa grande cidade, quanto mais remontarmos no passado, além de 1870, maior vai se tornar a diferença entre os suicídios de escravos e de homens livres, em detrimento dos primeiros, pois o número de estrangeiros será menor e a força da escravidão ainda maior. E' assim que, de acôrdo com o Relatório do Chefe de Polícia, em 1866, entre 23 suicídios na Côrte do Rio 16 eram de escravos (1).

A segunda observação que podemos fazer e que completa a primeira sobre a influência preponderante da escravidão, é que os suicídios de escravos diminuem à medida que a propaganda anti-escravagista aumenta, tornando-se quasi nulos nas vésperas da lei-áurea. Enquanto de 1870 a 1880, no Rio de Janeiro, a proporção é de 91 suicídios de escravos para 106 brasileiros livres, de 1881 a 1887 a proporção vai cair a 23 suicídios de escravos para 141 de brasileiros livres. Portanto, a mentalidade do africano que é, como vimos no principio deste estudo, contrária à morte voluntária, retoma seu carater tradicional.

Uma terceira característica dos suicídios de escravos, em opposição ao dos homens livres, sejam quais forem suas categorias, nacionais ou estrangeiros, é que o negro vai até a morte enquanto entre os homens livres são muito mais numerosas as tentativas. E' verdade que a diferença entre suicídios consumados e tentativas é de 114 a 117 entre os escravos e de 435 a 621 entre os homens livres, isto é, uma diferença mais ou menos proporcional. Mas é preciso observar que êste é um efeito da imitação que vai se ampliando com o tempo. Ao contrário, no decorrer dos primeiros anos sobre os quais possuímos documentação, há 40 suicídios consumados de escravos para somente 32 tentativas, enquanto que entre os homens livres, a proporção é inversa: 61 para 89.

(1) A. M. Perdigão Malheiro: "A escravidão no Brasil", Rio, 1866.

Infelizmente essa estatística não distingue os sexos nas duas categorias que estudamos. Ora, Freyreiss faz uma observação que seria interessante verificar. Diz-nos que os suicídios de escravo são, quase sempre, masculinos e explica êsse ato pela situação social do africano. A preta, pela divisão do trabalho sexual, já está habituada ao trabalho agrícola, já se encontra, em sua própria patria, reduzida á uma espécie de servidão doméstica; o homem, no entanto, entrega-se às atividades mais nobres. Porisso a escrava se habitua, mais facilmente que o esposo, ao trabalho servil e tem uma tendência menos acentuada para se matar. (1) Ora, si em geral os suicídios masculinos excedem de muito os femininos, veremos que o mesmo não acontece entre os homens de côr. A negra e a mulata suicidam-se tão facilmente como o negro ou o mulato. Daí um problema: Será que êsse fato está ligado ao desaparecimento do trabalho servil? Será que a escravidão constituia uma salvaguarda para a mulher negra? Devido à ausência de dados nada podemos afirmar. Mas acreditamos como mais provavel que Freyreiss tenha generalizado, imprudentemente, uma observação feita numa zona rural qualquer; pois em 1870, em São Paulo, entre 11 suicídios de escravos havia 6 de mulheres para, somente, 5 de homens (2).

Portanto, resumindo essas considerações gerais, o africano tem pouca propensão para se matar, salvo quando a morte lhe é imposta pelos costumes locais. A escravidão, pelo contrário, arrancando-o de sua patria, destribalizando-o, impondo-lhe um regime de trabalho penoso, um estado inferior, às vezes maus tratos, vai criar nêle uma especie de mania de suicídio. E' essa a herança, contraditória como se vê, do homem de côr. Como reagiu êle? Eis a questão que nos colocamos, estudando agora o suicídio em São Paulo. Mas qual a documentação de que dispomos para esse trabalho?

Em primeiro lugar, de 1870 a 1904, os relatórios dos chefes de polícia, resumidos por Alcantara Machado no seu depoimento sobre o suicídio em São Paulo — Com o auxilio dêles podemos estabelecer as variações dos suicídios segundo a côr e, em cada côr, segundo o sexo.

Em segundo lugar, de 1917 a 1936, os Anuários Demográficos do Estado de São Paulo, que nos permitem acres-

(1) Freyreiss — op. c., pg. 160.

(2) Relatório do Chefe de Polícia. op. c.

centar a essas primeiras correlações, um estudo dos meios de suicídio empregados, conforme a côr.

Em terceiro lugar, de 1938 a 1941, a Estatística Policial-criminal do Estado de São Paulo que nos reconduz, como de 1870 a 1904, apenas a correlação dos sexos e das côres.

Finalmente, e graças à cortesia do Departamento de Estatística de S. Paulo que pôs muito amavelmente à nossa disposição seus prontuários, o que agradecemos publicamente aqui, foi possível recolher dados mais ricos, que infelizmente não dão ensejo a comparações por se relacionarem com um ano, apenas.

Como vemos, existe entre essas fontes diversas um certo número de hiatos. Não nos foi possível preenchê-los completamente. No entanto, as pesquisas feitas em várias publicações, como nos Relatórios da Secretaria da Justiça, permitem-nos lançar alguma luz sobre esses períodos intermediários. (1)

DISTRIBUIÇÃO DOS SUICÍDIOS EM SÃO PAULO, SEGUNDO AS CÔRES

Existe um fáto que salta aos olhos até dos menos observadores, é que em São Paulo, como em tôdas as outras grandes cidades, o número de suicídios e de tentativas de morte vai aumentando sem cessar. Mas a êsse respeito, tôda uma série de questões se coloca: será que êsse aumento é proporcional ao aumento da população? ou será mais rápido ou mais lento? E posto que a sociedade paulista não é homogênea, mas um amálgama de raças e de etnias diferentes, não será necessário considerar, sucessivamente, as diversas categorias nas quais se decompõe: brancos nativos e estrangeiros, negros e mulatos? Ao dedicar-se a pesquisas desse tipo percebe-se que o movimento ascensional dos suicídios não se processa da mesma maneira nessas ca-

(1) Pelo que sabemos são os seguintes os principais estudos, publicados sobre o suicídio em São Paulo dando, em geral, uma importância mais ou menos grande ao exame do fator racial: — **Alcantara Machado**: op. c. (estudo do suicídio de 1870 a 1904). — **Floriano de Alencar**: "O suicídio em São Paulo", Tese Fac. Medicina — São Paulo, 1926 (estudo do suicídio em 1925). — **Dr. James Ferraz Alvim** — "Contribuição ao estudo do suicídio em São Paulo" (Arquivos da Sociedade de Medicina legal e criminológica de São Paulo — nov. 1927 p. 30-44) (apenas os suicídios em 1926).

tegorias da população nos diferentes momentos do tempo. Portanto fomos levados a distinguir, na evolução do suicídio paulista, um certo numero de momentos.

O primeiro, que iria de 1872 a 1888, poderíamos chamar de período da liquidação do cativo. Nessa época o número de escravos na capital já é bem pequeno e vai diminuindo cada vez mais. Dispomos, quanto a esse ponto, de dados bastantes ricos para o ano de 1872 e é essa a razão pela qual escolhemos esse ano como ponto de partida. (1) Havia então 28.457 individuos livres para apenas 3.828 escravos. E' preciso acrescentar que a situação dos escravos urbanos estava longe de ser análoga à dos escravos rurais, sujeitos aos duros trabalhos do campo, sob a vigilância incessante do feitor, ou perseguidos em caso de fuga pelo capitão do mato. Na capital, ao contrário, os escravos eram acima de tudo empregados domésticos, mantendo, frequentemente, relações amigáveis com os patrões ou patrões. Entretanto, apesar dessa situação favorável, os suicídios de escravos ultrapassam os dos homens livres de 11 para 2 (2) (1873). De 1876 a 1880, segundo Alcântara Machado, os relatórios de polícia indicam 6 suicídios de brancos, 1 de pardo, 6 de pretos e 2 de côr, sem outra caracterização, aos quais é preciso acrescentar 8 suicídios de pessoas cuja côr não vem indicada. Si supuzermos que por essa época a composição racial da população continuava mais ou menos a mesma que em 72, quando compreendia 18.834 brancos, 6.611 pardos e 4.968 pretos, teremos as seguintes proporções, por anos:

0,63	suicídios de brancos para 10.000 habitantes brancos
0,90	" " mulatos e homens de côr para 10.000 habitantes pardos
2,41	" " negros para 10.000 habitantes negros

De 1881 a 1885, os mesmos relatórios de polícia indicam um total de 3 suicídios de brancos, 5 de pardos, 3 de pretos, 2 de côr não especificada e 3 de côr ignorada. De 1886 a 1889, enfim, temos 5 suicídios de brancos, 3 de pardos, 3 de pretos, 6 de côr ignorada. Ainda aqui podemos estabelecer a porcentagem segundo as côres, pois conhecemos

(1) Quadro geral da população de São Paulo (Recenseamento de 1872) in *Directoria Geral da Estatística — Relatório, 1876* (Rio de Janeiro, 1876).

(2) 2 brasileiros brancos. Eliminamos os 7 suicídios de estrangeiros livres.

a composição racial da população em 1886 (1). Nessa data a população compreendia 36.334 brancos, 6.450 pardos e ... 3.825 pretos. O que equivale, por ano, mais ou menos a:

0,27	sucídios de brancos para 10.000 brancos
0,93	" " pardos para 10.000 pardos
1,56	" " negros para 10.000 negros.

Como se vê, no decorrer de todo esse primeiro período, são as pessoas de cor as que mais se matam e entre elas, os negros. O que compreenderemos ainda melhor se nos lembrarmos que os mulatos escapavam aos rigores do cativo. Em 1872 havia apenas 950 escravos pardos para um total de 6.611 escravos, enquanto mais da metade dos negros vivia sob o regime servil; 2.878 entre 4.968. Entretanto, à medida que nos aproximamos do 13 de maio de 1888, o escravo vê apontar no horizonte a hora próxima da sua libertação. E si bem que o negro continue a fornecer a porcentagem maior de mortes voluntárias, estas diminuem, no entanto, de 1876-1880 a 1886-1890, passando de 2,41 a ... 1,56.

Chegamos, agora, à segunda etapa de nossa evolução, aquela que poderíamos chamar de reconstrução econômica, sobre a base da mão de obra estrangeira e que acarreta, naturalmente, com o tempo, uma modificação na estrutura social da capital.

Dispomos ainda, em relação a esse período, de dados recolhidos por Alcantara Machado. De 1891 a 1895 há 27 suicídios de brancos, 6 de mulatos e 4 de negros, (8 de cor ignorada). De 1896 a 1900 há 32 suicídios de brancos, 16 de mulatos, 6 de negros, (6 de cor ignorada). De 1901 a 1904, enfim, 45 brancos, 20 mulatos, e 17 de negros. Portanto, produziu-se uma inversão completa em relação ao período precedente; enquanto nesse período as pessoas de cor excediam de 25 para 14, agora, ao contrário, são os brancos que mais se matam, sendo a diferença entre uns e outros, de 69 de cor para 104 brancos. Outro fato que se constata no curso desse período é que o mulato tem uma propensão maior para se matar que o negro, pois há 42 suicídios de mulatos para 27 de negros, apenas. Alcantara Machado insiste nesse ponto, que lhe parece importante, pois enquanto para 8 brancos que se matam há um suicídio de negro, para apenas 6,18 mortes voluntárias de brancos há 1,43 mortes vo-

(1) Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887 (S. Paulo, 1888).

luntárias de mulatos. Ainda aqui, os fatos se encontram em oposição com o que se passava no periodo anterior em que o suicídio do negro predominava.

Entretanto, as comparações entre as cifras absolutas não são muito significativas e seria necessário poder calcular a porcentagem sobre a população total. Infelizmente, os recenseamentos, a partir de 1894, não se referem á côr. Porém, ao menos para êsse ano, podemos calcular a porcentagem. A cidade compreendia então 115.726 brancos, 8.639 mulatos e 5.920 negros, o que dá como resultado, mais ou menos 0,46 suicídios de brancos para 10.000 brancos, 1,38 de mulatos para 10.000 mulatos, 1,35 de negros para 10.000 negros. Desse modo, relativamente à população é, sem dúvida, o homem de côr que mais se mata; o aumento dos suicídios dos brancos provêm, apenas, do facto de serem os brancos infinitamente mais numerosos, por causa da imigração constante. E entre a gente de côr a melhoria do negro é patente, passando de 2,41 em 1876, para 1,35 em 1894. O mulato, pelo contrário, vê sua porcentagem se elevar de 0,90 a 1,38.

Como explicar isso?

Depois da supressão do cativo, muitos negros abandonaram as plantações, que lhes lembravam os tristes dias da escravidão, para alcançar as cidades. Queriam tentar criar uma nova maneira de viver, num meio novo onde não eram conhecidos. Infelizmente a industrialização de São Paulo ainda não estava bastante desenvolvida para poder se utilizar dessa mão de obra. Restava, é verdade, o artesanato, onde o negro podia ter um bom êxito, tanto mais que nas fazendas um certo número dentre êles já estivera ocupado nos trabalhos de marcenaria, de pedreiro, de sapateiro, etc.. Na capital já existiam artesãos, sem dúvida. Mas é o momento em que São Paulo toma uma extensão consideravel. Os imigrantes, vindos para substituir a mão de obra servil, não se fixam necessariamente no interior; muitos, depois dum estágio mais ou menos rápido nas fazendas, emigram, por sua vez, para a cidade. E' assim que a antiga Piratininga vê a sua população mais que triplicar de 1890, com os seus 70.000 habitantes, a 1900, com os seus 240.000 habitantes. O aumento da população acarretava consigo um aumento das necessidades, por conseguinte, um desenvolvimento paralelo do artesanato e da pequena indústria. Apenas, tinha o negro de lutar aqui com a concorrência do es-

trangeiro e, nessa luta, devia operar-se uma seleção, seleção que, em geral, eliminava o negro em proveito do português ou do italiano. A expansão urbana, portanto, não foi favorável ao descendente de africanos. Si acrescentarmos a isso o efeito da lei psicológica do ritmo, segundo a qual toda ação intensa se faz acompanhar de reação, compreendemos como, depois de um período de trabalho forçado e duro, o negro desejou viver, ao menos algum tempo, sem fazer nada, procurando, apenas, satisfazer as suas necessidades de subsistência. Mas é impossível manter uma tal atitude numa cidade onde a luta pela vida toma, sem cessar, os aspectos mais áspero. O negro via-se, assim rejeitado à mendicância e à vagabundagem. Sua tendência ao suicídio não exprime, pois, um qualquer caráter racial, pois já vimos, na Africa, a pouca importância das mortes voluntárias, mas, sempre, uma situação social. Ontem era a resistência à escravidão, agora, a crise de sua libertação brusca e de sua transplantação para uma existência sem nenhum preparo prévio.

Algumas cifras exprimem essa situação. De 1886 a 1894, a população de côr subiu de 10.275 a 14.559 pessoas. Si nos lembrarmos que a mortalidade do negro ultrapassa a natalidade e que a do mestiço é-lhe pouco inferior, esse aumento só pode explicar-se pelo êxodo rural. Si, infelizmente, não possuímos a distribuição da vadiagem, segundo as côres, sabemos, pelo menos, através dos Relatórios de Polícia, que o número dos vagabundos era muito grande; e vamos observar esse número decrescer, a medida que abandonamos esse período para entrar no período seguinte: de 1.030 prisões por vadiagem ainda em 1902, 1.138 em 1905, a cifra tomba para 795 em 1906. Numa certa medida, pode-se pensar que a re-adaptação do africano é uma das razões dessa diminuição.

Quanto ao suicídio do mulato e ao fato dêle ultrapassar o suicídio do negro, podemos interpretar de duas maneiras: ou bem pelo número maior de mulatos, ou bem por sua posição marginal. A primeira solução poderia ser aceita si se levasse em conta somente as cifras absolutas, mas ela é destruída pelo cálculo que fizemos da porcentagem dos suicídios das diversas côres em relação às diversas camadas coloridas de população: vimos que entre 10.000 mulatos há mais suicídios de mulatos que, entre 10.000 negros, suicídios de ne-

gros. Resta-nos, portanto, como admissível, apenas a segunda hipótese.

Stonequist (1) observou bem a propensão do homem marginal a resolver o conflito que se desenrola no seu íntimo, entre as duas personalidades de que é formado, procurando a solução na morte ou na nevróse. Ora, o mulato, que escapou ao grupo social do negro mas que, no entanto, ainda não se vê considerado membro do grupo branco, pelo menos pelos estrangeiros, tão numerosos no Estado de São Paulo, que apresenta, por conseguinte, psicologicamente, o duplo complexo de inferioridade e de superioridade, é ainda, nessa época, “um homem marginal”. E’ evidente que o homem de côr esperava aproveitar dêsse período de rápida mudança social para subir o mais possível na escala social. Suas ambições eram grandes e duplamente justificadas pelo sentimento que possuía de suas qualidades intelectuais, de sua inteligência viva e penetrante, pelo esforço que fazia de se elevar mais e mais. No entanto, conforme o gráu de sua coloração, se chocava contra certos preconceitos, tanto mais dolorosos quanto não se manifestavam abertamente, mas sob uma fórmula sutil e como que hipócrita. Muitos suicídios de mestiços são o desenlace de um longo drama interior.

O estudo das nevróses confirma êsse ponto de vista. No decorrer do mesmo período, se opera, como para o suicídio, uma inversão das porcentagens. O negro, que antes contribuía para maior parte, cede o lugar ao mulato:

1886-1890:	1.451	brancos;	212	pardos;	303	pretos	(1)
1895-1904:	1.274	”	; 212	”	; 197	”	(2)

Mas havia **um outro homem marginal**: o emigrante. Trazendo consigo um pouco de sua pátria perdida e não integrado ainda no novo meio onde ia viver, achava-se na confluência de duas culturas que se chocavam dentro dêle. Como a emigração se fazia então em grandes massas, sem uma rigorosa seleção, muitos dos recém-chegados não possuíam as qualidades necessárias para se aclimatar rápidamente ao seu novo hábitat. Donde um crise que não encontrava, muitas vezes, outra solução além do suicídio. Com efeito, dois fatos são dignos de nota: em primeiro lugar o estrangeiro

(1) Stonequist: “The marginal man”.

(1) Relatórios apresentados ao dr. Candido Motta Jr. pelo Diretor da Repartição de Estatística e Arquivo. Rio, 1894.

(2) Franco da Rocha: “Psychiatria Forense”, pg. 471.

se mata mais facilmente que o brasileiro, como o mostra, claramente, o seguinte quadro:

Brasileiros	: 267	suicídios para	10.000	habs.	2,28%	media:	12,8
Alemães	: 35	"	"	"	4,09	"	2,6
Italianos	: 187	"	"	"	1,15	"	13,0
Portuguêses	: 39	"	"	"	0,67	"	2,5
Total de estr.:	479	"	"	"	3,12	"	23,2

Em segundo lugar, o imigrante se mata mais facilmente no seu novo habitat que na sua pátria de origem. Assim, a porcentagem dos suicídios de alemães na Alemanha era de 1881 a 1903, de 1,93 a 2,23, para 4,09 aquí; a de italianos, era de 1874 a 1900, de 0,27, para 1,14, aquí. (1)

Mas outra conclusão resta a se tirar desses dados. E' que o suicídio do homem de côr assume extensão mais considerável ainda que a, já tão grande, que lhe atribuímos. Si, em vez de comparar o negro e o mulato ao branco em geral, separassemos do total dos brancos o dos estrangeiros, para considerar apenas as mortes volutárias dos brancos nativos, então verificamos que o brasileiro branco mantém a sua antiga tradição da resistência ao suicídio; e as porcentagens dos negros e dos mulatos se apresentariam, então, sob fórmula ainda mais patológica.

Não dispomos de dados sôbre a distribuição dos suicídios segundo a côr de 1904 a 1917. Podemos apenas indicar as tendências gerais. O número dos suicídios aumenta constantemente, passando de 9 a 59. E não é simplesmente o número absoluto dos casos que se eleva, mas também a porcentagem em relação à população que passa de 0,02 por 1.000 habitantes em 1900-04 a 0,11 em 1910-14. O número de estrangeiros que se matam permanece sempre considerável; 138 estrangeiros para 176 brasileiros, no mesmo período. (2)

Estes numeros estão forçosamente abaixo da verdade, porque sobretudo em certas classes sociais costuma-se escon-

(1) Carvan, op. c., assinala o mesmo fenômeno aos Estados Unidos. Aí, o suicídio dos estrangeiros é maior que o dos nativos e maior que nos países de origem. Em geral não se efetua logo; o emigrante luta muito tempo para adaptar ao novo meio e é somente 10 anos e 1/2 depois de sua chegada, aproximadamente, que por fim, vencido, ele se abandona ao seu gesto de desespero. Ex.: Suicídios em Chicago de 1919 a 1921. Para 10.000.000 h.:

Brancos nativos	{	nascidos de pais nativos:	11,1
		de pais estrangeiros:	9,1
		de casamentos mixtos:	6,17
Negros			7,7
Chinêses			65,0
Brancos estrangeiros:			28,8

(2) Anuario demografico — T. XXXL (1924), vol. I.

der, na medida do possível, a verdadeira causa da morte. Além disso, devemos notar que, quando para um mesmo ano temos dados provenientes de fontes diferentes, os números não correspondem. (1) Mas isso não tem importância para a curva do fenômeno, com a condição, bem entendido, de se tomarem os dados de uma mesma repartição administrativa, que segue sempre mais ou menos os mesmos métodos, o que faz com que os erros sejam sempre no mesmo sentido. Ora, essa evolução é uma inquietante progressão do número de mortes voluntárias.

A partir da Grande Guerra, chegamos a um terceiro período, que se pôde chamar o da industrialização da Capital. E' então que São Paulo se torna o maior centro manufatureiro da América do Sul. Essa mudança rápida acarretará modificações na patologia do suicídio?

O número dos suicídios aumenta certamente de ano em ano. Mas a população aumenta ainda mais consideravelmente. Ao passo que esta cresce mais que o triplo, os suicídios vão pouco além do dôbro. E' que a industrialização, apesar das crises passageiras, trabalha como um fator de bem estar e acarreta a melhoria da massa. Os estrangeiros continuam a fornecer uma importante quota anual dos suicídios de brancos; em geral cerca da metade.

Os suicídios de homens de côr aumentam, como aumentam os dos brancos. A questão é saber si esse aumento é mais rápido ou mais lento. Para sabe-lo, tomemos as datas extremas. Em 1917, há 7 suicídios de brasileiros de côr em um total de 59 mortes voluntárias, o que nos dá uma porcentagem de 11 a 12 suicídios de homens de côr em 100, ao passo que a porcentagem geral da população total era calculada em 16%. (2) Em 1938 há 13 suicídios de côr num total de 131, quer dizer 10%, o que corresponde à porcenta-

(1) Por exemplo, Alcantara Machado, pelos Relatórios da Polícia, conta entre 1901-1904, 82 casos de suicídios ao passo que o Anuario Demografico registra apenas 34. Os relatórios do Secretário da Justiça, que examinamos, registram em 1909, 30 suicídios e 51 tentativas; em 1912, 19 suicídios; em 1913, 26 suicídios e 47 tentativas; em 1915, 41 suicídios e 34 tentativas; em 1916, 52 suicídios e 29 tentativas ao passo que o Anuario Demografico dá para as mesmas datas 17, 21, 42, 67, 64 e 51 suicídios. E' provavel que a diferença provenha de que, no primeiro caso, é todo o município de São Paulo que é encarado, ao passo que, no segundo caso, é somente a parte urbana.

(2) Ver Lowrie — O elemento negro na população de São Paulo (Revista do Arquivo Municipal, v. XLVIII, p. 12 p. 20.

gem atual da população de côr no conjunto da população paulista. (1).

Podemos colocar o problema diferentemente. Podemos calcular o número aproximado dos brancos, mulatos e negros no conjunto da população e ver o número de suicídios de cada tipo racial em relação à população respectiva. Achamos então para 1917 (população calculada em 470.872 habitantes; 16% de homens de côr):

1,3	suicídios	para	10.000	brancos;
0,9	"	para	"	de côr.

E para 1938 (1.268.894 habitantes: 10% de homens de côr):

1,0	suicídio	para	10.000	brancos;
1,0	"	para	"	de côr.

Em suma, a melhoria é constante no último período que consideramos, em relação aos precedentes. A porcentagem dos suicídios segundo as raças corresponde mais ou menos à porcentagem das raças no conjunto da população urbana.

Mas, si, em vez de opôr o homem de côr ao branco, distinguirmos o preto do mulato, então as cousas mudam. De fato, costuma-se pensar que os pretos constituem cerca de 1/3 da população de côr, por causa da mistura das raças, que aumentou o numero dos mulatos (2). Portanto, os suicídios dos pretos em relação aos dos mulatos deveriam ser:

de 1917 a 1926,	17;	mas, são	20;
de 1927 a 1936,	24;	mas, são	31;
de 1937 a 1941,	32;	mas, são	38.

(1) Ver **Lowrie** — O elemento negro na população de S. Paulo. Revista do Arquivo Municipal, v. XLVIII, p. 51.

Depois de escrito este estudo, saíram publicados os resultados do recenseamento de 1940. Ora, êles apresentam, para o município de S. Paulo, uma porcentagem de apenas um pouco mais de 8% de brasileiros de côr para a quantidade de brasileiros brancos. Donde se concluiria que a herança da escravidão pesaria ainda fortemente sobre o homem de côr, no domínio do suicídio. Todavia, não retificámos os números acima apresentados porque, no domínio do recenseamento das côres, grande quantidade de êrros, voluntários, fôram cometidos (ver **Giorgio Mortara**, A composição da população segundo a côr no Brasil. Eseudo mimeografado do Serviço Nacional de Recenseamento, n. 306 — A). Particularmente para os problemas de que tratamos, é provavel que muitos mulatos claros tenham passado a linha de côr, (apezar da existência da categoria dos "morenos").

(2) Tomamos como base os recrutas do Exercito (1922-23): 12% de mulatos, 8% de negros.

Sem duvida os nossos dados permanecem hipotéticos. Parece entretanto que o preto, apesar dos seus progressos, continua a ser sempre a grande vitima.

QUADRO DOS SUICÍDIOS (1917 - 1941)

	Branco brasileiros	Branco estrangeiros	Preto	Mulato
1917	52	26	3	4
1918	39	17	2	5
1919	50	31	1	1
1920	55	28	0	1
1921	55	24	2	5
1922	53	27	2	3
1923	54	28	8	9
1924	51	31	2	2
1925	58	31	0	1
1926	51	20	0	0
1927	79	32	1	10
1928	82	40	7	6
1929	60	34	5	1
1930	57	25	2	2
1931	55	25	3	3
1932	65	28	2	3
1933	65	31	0	1
1934	81	37	4	4
1935	94	39	5	5
1936	85	37	2	6
1937	89	40	6	12
1938	118	38	8	15
1939	133	58	9	9
1940	144	53	7	13
1941	109	40	8	9

E' verdade que o número dos suicídios em si mesmo não representa grande coisa. Para se poder medir exatamente a tendencia suicidogênica, seria necessário acrescentar aos suicídios consumados o número das tentativas. Ora, é aí

E' verdade que tambem neste ponto os números fornecidos pelo Recenseamento de 1940, para S. Paulo, contrariam nossas porcentagens (vêr G. Mortara, Natalidade, natimortalidade e mortalidade infantil no municipio de S. Paulo, Serviço Nacional de Recenseamento, n. 23, — p. 5). Pelo contrario, a porcentagem de mulatos seria inferior (um pouco mais de 3% da população do municipio) à dos negros (um pouco menos de 5%). E é verdade que existe, hoje, uma certa tendencia ao enquistamento. Mas G. Mortara pensa que este resultado do Censo, que não corresponde mais ao desenvolvimento geral da miscegenação, que foi a lei do Brasil, não pôde ser justificado, não se explicando senão por certos preconceitos de côr dos encarregados do recenseamento. E' a razão pela qual mantemos nossos cálculos, feitos segundo números fornecidos por antropólogos de confiança. Em todo o caso, se os dados do Censo fôrem exátos, teria havido uma reviravolta nas côres. O mulato forneceria muito mais vítimas do que o negro. De 1937 a 1941: para 100.000 mulatos: 0,13 suicidas;
para 100.000 negros: 0,06 suicidas.

que a dificuldade começa, porque a maior parte das famílias faz o possível para esconder o que se passa no interior de seus lares. Todavia, os aperfeiçoamentos incessantes da assistência médica permitem-nos, cada vez mais, aproximarmos do número exáto, sem, no entanto, jamais atingí-lo. Não poderemos, pois, nos servir senão das estatísticas mais recentes. (1)

Ora, elas nos mostram que:

1.o) A relação entre os suicídios e as tentativas varia conforme a côr. As tentativas são muito mais numerosas entre os negros e mulatos que entre os brancos. Isto se explica pela condição social do homem de côr, que lhe torna mais difícil esconder uma tentativa, pois é obrigado a recorrer à assistência médica e pública e não ao medico da família.

2.o) Como para os brancos, salvo duas exceções, as tentativas são mais numerosas entre as mulheres; os suicídios consumados, entre os homens. Portanto, à primeira razão que demos para a maior porcentagem das tentativas em relação aos suicídios entre os homens de côr — a maior necessidade da assistência pública — precisamos acrescentar outra razão: ao passo que, entre os brancos, é principalmente o homem que se mata, entre os pretos e os mulatos, é principalmente a mulher. Chegamos assim a um novo estudo, o da diferenciação dos suicidas pelo sexo.

DATAS	BRANCOS						PRETOS						MULATOS					
	Suicídios			Tentativas			Suicídios			Tentativas			Suicídios			Tentativas		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	
1938	94	24	118	123	135	258	7	1	8	3	23	26	3	2	5	2	15	
1939	105	28	133	89	118	207	6	3	9	12	22	34	6	3	9	18	15	
1940	102	42	144	70	77	147	3	4	7	3	19	22	4	9	13	3	9	
1941	74	35	109	109	180	289	5	3	8	10	37	47	6	3	9	13	39	

(1) — Ver "A Estatística Policial-Criminal do Estado de São Paulo", de 1938 a 1941. Para as datas anteriores, além de que, em geral, não distinguem as raças, as diferenças entre os anos são muito grandes para que se possa utilizá-las. Exemplos: 1911: 32 suicídios e 52 tentativas e 1912: 19 suicídios e 247 tentativas; 1914: 29 suicídios e 293 tentativas e 1915: 31 suicídios e 30 tentativas.

SEXO, IDADE E CÔR

Basta lançar um golpe de vista ao quadro anexo para se vêr que o que distingue o suicídio do homem de côr do suicídio do branco é, primeiramente, o grande lugar ocupado pela mulher:

De 1876 a 1904, 45 mulheres de côr para 49 homens, ao passo que entre os brancos a proporção das mulheres é de 20 para 98. De 1917 a 1937, 48 mulheres de côr para 93 homens, 334 mulheres brancas para 995 homens. Enfim, de 1938 a 1942, 46 mulheres de côr para 48 homens, 176 mulheres brancas para 439 homens.

Sem duvida, cabem aqui duas observações. Em primeiro lugar, si se juntam as tentativas aos suicídios consumados, a diferença entre o homem e a mulher branca diminúe. Essa diferença que, no periodo de 1938-1942, era de 263 para o suicídio somente, cái a 55 para os suicídios e tentativas. E' porque o homem falha menos que a mulher. Em segundo lugar, o que aumenta a diferença entre os sexos é a contribuição do imigrante. Ora, sabe-se que o imigrante masculino prevalece sôbre a imigrante. Por exemplo, de 1908 a 1936, entraram no Estado de São Paulo, pelo porto de Santos, somente 442.046 mulheres contra 779.236 homens. (1) O quadro que juntamos mostra que a diferença entre os sexos diminúe quando se passa do imigrante para o brasileiro nato, para se tornar mesmo negativa si se acrescentam as tentativas aos suicídios consumados.

Mas mesmo considerando-se as tentativas, a diferença é maior para as pessoas de côr (118) que para os brancos brasileiros (103, no periodo 1938-42). Nossas observações não negam, pois, que a mulher de côr ocupa maior lugar que a mulher branca no suicídio. E mais ainda no suicídio consumado que na tentativa, porque ela tambem falha menos.

(1) D.T.C.I., 1937, p. 64.

Seria interessante vêr si há também diferenças raciais quanto à idade dos que se suicidam. Infelizmente, si as estatísticas nos dão uma classificação dos suicídios pela idade, é sempre para o conjunto dos suicídios, sem levar em conta a côr. (1) Só pudemos achar essas diferenças para 1941 e 1942, consultando os prontuários; não vimos diferença apreciavel, salvo talvez maior precocidade entre as pessoas de côr. Para estas o máximo estaria entre os 16 e os 20 anos, ao passo que o máximo para os brancos estaria entre os 21 e os 25 anos. Mas, nossos dados são insuficientes para generalisarmos esse primeiro resultado.

1941 - 42	brancos	de côr
até 15 anos	5	1
16 a 20 anos	48	20
21 a 25 "	58	17
26 a 30 "	26	16
31 a 35 "	19	4
36 a 40 "	23	8
41 a 45 "	18	3
46 a 50 "	9	2
51 a 55 "	11	2
56 a 60 "	6	0
61 anos e mais	9	1

(1) Para o período 1876-1904 em Alcantara Machado, op. c. Para o período 1903-1927 ver Anuario Demografico, XXXIV, 1927.

SUICÍDIOS E SEXOS

Anos (1)	brancos		de côr (sem especificação)		negros		mulatos	
	hom.	mul.	hom.	mul.	hom.	mul.	hom.	mul.
1876-1880	6	0	1	1	4	2	0	1
1881-1885	3	0	2	0	3	0	2	3
1886-1890	5	0	—	—	2	1	3	0
1891-1896	23	4	—	—	3	1	4	2
1896-1900	24	8	—	—	5	1	9	7
1901-1904	37	8	—	—	7	10	4	16
	98	20	3	1	24	15	22	29

Anos	extrangeiros		brasileiros brancos		negros		mulatos	
	hom.	mul.	hom.	mul.	hom.	mul.	hom.	mul.
1917-1921	89	39	95	33	4	4	13	3
1922-1926	103	34	91	39	3	9	10	5
1927-1931	127	28	126	46	11	7	16	6
1932-1936	145	22	150	73	9	4	14	5
1937	35	6	34	14	3	3	10	2
	499	129	496	205	30	27	63	21

Anos	extrangeiros		brasileiros brancos		negros		mulatos	
	suicid. tentat.		suicid. tentat.		suicid. tentat.		suicid. tentat.	
	H.	H.	H.	H.	H.	H.	H.	H.
1938-1942	179	165	260	301	26	40	22	51
	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.	M.
	51	135	125	539	14	133	32	78

Totais	brancos		de côr	
	homens	mulheres	homens	mulheres
Suicídios	1.532	530	190	139

(1) De 1876 a 1904, segundo Alcantara Machado, op. c. De 1917 a 1937, segundo o Anúncio Demográfico do Estado de São Paulo. De 1938 a 1941, segundo a Estatística Policial-Criminal do Estado de São Paulo. Para 1942, segundo os prontuários.

ESTADO CIVIL E CÔR

Considerando-se, na evolução do suicídio, o estado civil das pessoas que se matam, percebe-se que os celibatários há muito ultrapassam os casados, e mais ainda nas mulheres que nos homens. De 1876 a 1904: celibatários 49,5%; casados 44,7%; viuvos 5,7%. (1). De 1903 a 1924:

celibatarios:	307	homens	e	186	mulheres	
casados	:	200	"	"	88	" (2)

Mas, a partir de 1938, inverte-se o fenomeno: os casados ultrapassam os celibatários: de 1938 a 1941: 746 celibatários, 869 casados, 115 viuvos e 4 desquitados — e isso não por causa das tentativas, porque as tentativas quase se igualam nas duas classes, mas por causa dos suicídios propriamente ditos. O homem casado reflete talvez mais longamente e hesita antes de se matar por causa das responsabilidades que tem, mas uma vez tomada a decisão, falha menos que o celibatário:

Suicídios:	210	celibatários;	289	casados
Tentativas:	530	"	522	"

Entretanto, si o casamento não mais aparece como salvaguarda contra as forças suicidogênicas, a criança permanece sempre como um freio. A teoria de Durkheim continua valendo neste ponto em São Paulo como na Europa (442 suicidas com filhos e 817 sem filhos). (3)

Infelizmente, si as estatísticas nos permitem seguir a curva geral dos suicídios segundo o estado civil das pessoas, não distinguem a côr ao mesmo tempo que o estado civil. Encontramos dados sómente do ano de 1898:

Celibatários		Casados
brancos: 15 homens		brancos: 15 homens, 2 mulheres
mulatos: 1 mulher		pretos: 1 homem
		mulatos: 1 homem
Viuvos		
brancos: 1 homem		

(1) Alcantara Machado, op. c.

(2) Anuario Demografico do Estado de São Paulo.

(3) Estatística Policial-Criminal do Estado de São Paulo. E' preciso acrescentar que, para os filhos, o resultado é apenas aproximativo, porque o numero dos casos em que se ignoram esses dados é consideravel: 367.

Dados muito falhos para que dêles se possa tirar uma conclusão. (1) Consultamos igualmente os prontuários de 1941 e 1942 e pudemos estabelecer para esses dois anos o quadro seguinte, num total de 151 suicídios de gente de côr: Pretos:

Celibatários: 10 homens, 24 mulheres; Casados: 8 homens, 20 mulheres; Viuvos: 4 mulheres.

Mulatos:

Celibatários: 23 homens, 36 mulheres; Casados: 6 homens, 16 mulheres; Viuvos: 4 mulheres.

Com filhos: 5; sem filhos: 43.

Quer dizer que a tendência que até 1938 dominava o conjunto dos suicídios (a saber: a predominancia do celibatário) e que tinha mudado a partir desse momento, continua no entanto tal qual para as pessoas de côr. Foi pois, o branco casado que modificou as respectivas porcentagens dos celibatários e dos casados no conjunto dos casos conhecidos. Encontramos aí, pela primeira vez, um fato que reencontraremos logo, sob fórmula ainda mais típica, : o tradicionalismo do preto ou do mulato, que evolúe mais devagar que o branco, que mantém por mais tempo as antigas fórmulas e que permanece uma das grandes forças do conservantismo social.

PROFISSÃO E CÔR

Ainda aqui as estatísticas são insuficientes. Primeiramente apenas dispomos dos dados dos prontuários de 41 e 42 e, em segundo lugar, não dispomos de uma estatística geral da distribuição das profissões segundo a côr.

(1) Ora em 1893 a população de São Paulo compreende: — Celibatários: 59,7% brancos e caboclos - 64% negros - 70% mulatos — Casados: — 36,5 brancos - 28,6 caboclos - 28,1 negros - 27,3 mulatos — Viuvos: 3,8 brancos - 6,2 caboclos - 7,8 negros 6 mulatos.

Entretanto, eis aqui, a título indicativo, os resultados a que chegamos, num total de 873 prontuários de suicídios e tentativas de suicídio consultados:

Profissões	brancos	pretos	mulatos
Agro-pecuários	6	—	—
Bancários, capitalistas, industriais	21	—	—
Comercio:			
Comerciantes, viajantes, conta-			
dutores, etc.	17	—	—
Comerciários	52	2	4
Domesticas e criadas	337	46	56 (1)
Liberais			
Advogados, médicos, etc. . .	10	—	—
Professores	6	—	1
Funcionários publicos	19	—	—
Militares	9	—	2
Mercezizes	14	3	9
Artifices			
Costureiras	5	—	3
Mecanicos	6	1	—
Pintores	6	2	3
Outros	15	—	—
Operários	102	15	21
Transportes	6	—	—
Ferroviarios			
Motoristas	12	1	1
Outros	47	3	8
Total	692	73	108

Como era de se esperar, os suicídios de brancos são exclusivos das classes altas da população e os dos pretos dominam nas classes baixas, o mulato fazendo a transição. Vê-se também que nas profissões em que há suicídios das três côres, as porcentagens representam sem dúvida as porcentagens

(1) Quando se distingue o tipo de trabalho domestico, vê-se a preponderancia da mulher de côr: cozinheiras, 2 pretas, 1 mulata; copeiras, 1 mulata; garçons e garçonetes, 4 brancos e 1 preto.

prováveis da côr nas respectivas profissões. Não julgamos, pois, util nos aventurarmos ainda mais nesse aspecto do problema.

DISTRIBUIÇÃO RACIAL DOS MEIOS EMPREGADOS

Vimos que nas Antilhas os pretos se enforcavam, ao passo que os brancos se matavam a tiro. No Brasil, igualmente os meios empregados variam conforme as côres.

Enquanto é o escravo, por assim dizer, que dá o tom do suicídio, dominam o estrangulamento ou a submersão: 15 suicídios desse modo em 20, em 1873; em 1878, 17 em 22. Entretanto, já o branco traz a sua pequena contribuição à morte voluntária, e é possível que os 2 e 3 suicídios por armas de fogo dessa época devem ser atribuídos a brancos.

Quando, depois da abolição da escravidão e da entrada dos imigrantes em São Paulo para substituir a mão de obra servil, se inverte a distribuição da côr, então naturalmente, com o aumento dos suicídios de brancos aumenta o número de mortes ou de tentativas de morte por armas de fogo: assim, em 1898, em 35 suicídios de brancos, há 15 por armas de fogo.

De modo geral, o homem de côr, para dar cabo da vida, utiliza os meios mais naturais, aqueles em que não entram armas: o escravo não tinha o direito de carregar armas e sua situação social, seu estado de pobreza, o impediam de comprá-las. Ele se enforca numa corda como o fazia seu antepassado nas matas brasileiras para escapar ao feitor. Ele se afoga. Ele se atira do alto de uma ponte, de um rochedo, em um precipício. Outrora servia-se também do veneno, mas hoje não mais conhece as ervas selvagens; entretanto, pôde arranjar facilmente na farmácia produtos venenosos, como inseticidas, e perpetuar assim, através dos tempos, a lembrança longínqua da escravidão.

Os Anuários Demográficos permitem-nos seguir de 1917 a 1936 essa evolução. Reunamos primeiramente em um quadro todos os dados recolhidos:

SUICÍDIOS	BRANCOS			PARDOS			PRETOS		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
Venenos	125	124	249	4	7	11	4	7	11
Gazes	7	4	11	—	—	—	—	—	—
Enforcamento e estrangulamento	131	21	152	8	7	15	7	—	7
Submersão	47	27	74	4	2	6	3	4	7
Armas de fogo	331	64	395	23	—	23	2	3	5
Instrumentos perfurantes e cortantes	24	5	29	2	1	3	3	5	8
Precipitação de logar alto	37	10	47	2	1	3	3	5	8
Esmagamento	19	3	22	—	1	1	1	2	3
Outros	204	49	253	10	16	26	3	6	9

Basta comparar a ordem de preferência conforme a cor para se perceber que há sempre entre o suicídio dos brancos e dos pretos, uma diferença notável e em segundo lugar que o mulato, aqui como em alguns lugares, tende a revelar que passou a linha racial, que foi totalmente assimilado pelo branco, até na maneira de se matar.

Brancos	Mulatos	Branças	Mulatas	Pretos	Pretas
1 - Arma de fogo	1 - Arma de fogo	1 - Venenos	1 - Venenos e enforcamento	1 - Enforcamento, estrangulamento	1 - Venenos
2 - Outros	2 - Outros	2 - Arma de fogo	3 - Outros	2 - Venenos	2 - Outros
3 - Enforcamento e estrangulamento	3 - Enforcamento e estrangulamento	3 - Outros	4 - Submersão	3 - Submersão, precipitação, e outros	2 - Precipitação de logar alto
4 - Venenos	4 - Venenos e submersão	4 - Submersão	5 - Instrumentos cortantes, precipitação, esmagamento	6 - Armas de fogo	4 - Submersão
5 - Submersão	6 - Precipitação e instrumentos cortantes	5 - Enforcamento e estrangulamento		7 - Instrumentos cortantes e esmagamento	5 - Arma de fogo
6 - Precipitação	8 - Esmagamento	6 - Precipitação			6 - Esmagamento
7 - Instrumentos cortantes		7 - Instrumentos cortantes			
8 - Esmagamento		8 - Gazes			
9 - Gazes		9 - Esmagamento			

Como se vê, a ordem de preferência do mulato é absolutamente idêntica à do branco. Só entre as mulheres é que há diferença: ao passo que a branca, imitando o sexo forte, emprega de bom grado uma arma de fogo para se matar, embora prefira em geral o veneno, a mulata, talvez por causa do conservantismo, que é um dos característicos do grupo feminino e da sua psicologia (1), talvez também por causa da sua situação no seio da família, como subordinada ao marido ou ao amante, situação de inferioridade que mantém nela os sentimentos da antiga servidão, permanece fiel ao antigo método dos tempos de escravidão, o da asfixia.

De outro lado, a ordem dos meios utilizados pelo preto afasta-se o mais possível da dos brancos e dos mulatos. O homem utiliza o veneno como a mulher, ao passo que o veneno ocupa o quarto lugar na coluna dos brancos. Os antigos métodos de enforcamento, de submersão e de precipitação ocupam sempre no ritual do suicida os lugares principais, ao passo que o emprego de armas de fogo, que está em primeiro lugar para o homem branco, e em segundo para a mulher branca, é relegado entre os pretos quase que para o fim da lista.

Poder-se-iam fazer, é verdade, duas objeções à nossa maneira de pensar. Poder-se-ia, primeiramente, considerar que a importância do suicídio por meio de fogo depende da imigração estrangeira e que, si, em vez de comparar os meios empregados pelo preto com os empregados pelos brancos em geral, nos limitássemos aos brasileiros brancos, a diferença não existiria. Em uma palavra, seria necessário substituir a idéia de fator racial pela idéia de meio sociológico: os processos utilizados para o suicídio exprimiriam neste caso um certo número de hábitos, de costumes, de tradições comuns a todos os paulistas, fôsse qual fôsse a côr da pele.

É certo que a progressão do suicídio tenha ido, por via de imitação, do estrangeiro ao brasileiro. É certo também que o meio sociológico é mais importante que o fator racial. No fundo, tem-se visto que nossa concepção de raça não é uma concepção biológica, mas cultural. O preto e o mulato representam para nós, não côres, mas psicologias diferentes e hábitos coletivos nascidos da perpetuação das tradições africanas, do regime de escravidão com sua linha de casta,

(1) Sobre o caracter essencialmente conservador do grupo feminino como grupo social, v. Déonna, "La femme et l'art". (Revue int. de Sociologie, 1928, n. 3-4).

enfim, da vontade de se assimilarem à civilização do senhor branco. Mas, dito isto, a objeção que se poderia levantar é contraditada pelos fatos. Não encontramos, infelizmente, distinção entre os meios empregados pelos brancos e pelos estrangeiros nos Anuários Demográficos e na Estatística Policial. Mas, si nos reportarmos aos antigos Relatórios dos Chefes de Policia, que se podem consultar nos Arquivos, vê-se que o emprego de armas de fogo está tão espalhada na categoria de brasileiros brancos como na de estrangeiros:

1896 — Armas de fogo: 5 brasileiros brancos em 10, seja $1/2$
4 estrangeiros em 12, seja $1/3$

Enforcamento, submersão, precipitação:
1 brasileiro branco em 10,5 estrangeiros em 12.

1898 — Armas de fogo: 5 brasileiros brancos em 10, seja ainda $1/2$
12 estrangeiros em 27, portanto um pouco menos que a metade.

Enforcamento, submersão, precipitação:
2 em 10, seja $1/5$ para os brasileiros brancos e
6 em 27 para os estrangeiros, seja um pouco menos de $1/5$:

O problema está, pois, resolvido. A oposição entre as fórmulas de suicídio do preto e do branco não é resolúvel em termos de oposição entre as tradições européias dos imigrantes e as características do meio brasileiro.

A segunda objeção que se poderia fazer, seria reduzir a distinção de côr a uma distinção de classe social. A arma de fogo seria símbolo de suicídio da classe alta e média; a precipitação de um lugar alto, o enforcamento e o afogamento, o da classe inferior; ora, si os negros se entregam mais facilmente a estas fórmulas de morte, é porque na maioria fazem parte das classes inferiores da sociedade. Há também, nesta objeção possível, uma parte de verdade: os industriais, comerciantes, empregados das profissões liberais ou publicas disparam de bom grado uma bala na cabeça ou no coração. Mas, dito isto, si compararmos os suicídios de brancos e de pretos pertencentes ao mesmo nível economico — operários, empregados etc — vemos, ainda aqui, que o branco utiliza armas de fogo e não o preto. Para verificação dispomos apenas dos dados de 1898, que são muito claros pois, nesse ano, para 24 suicídios de brancos da classe inferior, temos 10 por armas de fogo.

A causa está, pois, entendida. A maneira de matar-se varia conforme a côr. O preto permanece ligado aos seus an-

tigos métodos, os do tempo de escravidão; constitui assim um grupo à parte na comunidade brasileira. O mulato, ao contrário, mais ambicioso, desejando separar-se radicalmente dos que são mais escuros que êle, repudia tudo que possa lembrar sua antiga situação servil; quer mostrar também que é branco, que foi assimilado totalmente pela classe de seus antigos senhores e isso até na maneira de morrer. As fórmulas do suicídio tornam-se desse modo um capítulo de psicologia diferencial.

Si nos reportamos agora ás ultimas estatísticas publicadas, as de Policia, que abrangem os anos de 1938-1940, vemos que está em vias de se operar uma modificação nas fórmulas do suicídio. Notamos, com efeito, que o enforcamento perde cada vez mais a importância, ao passo que o veneno é cada vez mais utilizado pelos homens, si bem que as armas de fogo conservem sempre o primeiro lugar nos suicídios masculinos; assistimos também a um aumento das mortes por instrumentos cortantes-perfurantes; igualmente o esmagamento parece atrair cada vez mais os candidatos ao suicídio. Enfim a introdução de fogões a gaz e de electricidade na vida cotidiana cria novas maneiras de matar-se: pelo gaz, ainda pouco utilizado nos anos de 1917 e 1925, e pela corrente electrica. Donde vêm essas modificações? É, certamente, compreensivel que, apesar de todas as precauções tomadas, as facilidades de se encontrarem nas farmácias substâncias tóxicas dão cada dia maiores possibilidade á rubrica: "venenos", e que, de outro lado, o aumento dos meios de transporte — bondes, onibus, automoveis, trens — facilita o esmagamento. Damos aqui a lista dos meios empregados, por ordem de preferênciam:

HOMENS

- 1 — Arma de fogo
- 2 — Venenos
- 3 — Instrumentos cortantes,
perfurantes, etc.
- 4 — Precipitação
- 5 — Enforcamento
- 6 — Afogamento
- 7 — Esmagamento
- 8 — Gazes
- 9 — Corrente electrica
- 10 — Fogo às vestes
- 11 — Alcool
- 12 — Outros

MULHERES

- 1 — Venenos
- 2 — Fogo às vestes
- 3 — Instrumentos cortantes,
perfurantes, etc.
- 4 — Afogamento
- 5 — Arma de fogo
- 6 — Precipitação
- 7 — Esmagamento e gazes
- 8 — Enforcamento
- 9 — Vidro triturado e alcool
- 10 — Outros
- 11 — Agua fervente
- 12 — Corrente electrica

Infelizmente, essas estatísticas não distinguem os brancos, os pardos e os pretos e, dada a importância dos suicidas de côr, não podemos afirmar que essas transformações provênham da falta de diferenciação. Entretanto, não cremos nisso. Em 1941, temos para gente de côr a ordem seguinte:

Pardos	Pardas	Pretos	Pretas
1 — Venenos	Venenos	Venenos	Venenos
2 — Esmagamento	Fogo às vestes	Instrumentos cortantes	Fogo às vestes
3 — Instrumentos cortantes e precipitação	Instrumentos cortantes	Esmagamento	Instrumentos cortantes

Este quadro mostra que modificações de ordem semelhante se desenham também nestas duas últimas categorias: aumento do veneno entre os mulatos paralelamente ao seu aumento entre os brancos; lugar cada vez maior dos instrumentos cortantes ou perfurantes em todas as categorias raciais; papel do esmagamento.

Tem-se, pois, a impressão de que a classe dos pretos tende por sua vez a se aproximar da dos mulatos e brancos, a perder seus característicos especiais e isso como consequência de duas influências coordenadas: a progressiva assimilação da mentalidade dos pretos á mentalidade geral da população paulista e a transformação geral do suicídio do branco, que utiliza cada vez mais o veneno, tanto os homens como as mulheres (na totalidade das mortes voluntárias de 1917 a 1936, sòmente 133 envenenamentos em 1.004 suicídios masculinos; de 1938 a 1940, 291 envenenamentos em 975 casos de suicídios masculinos).

Depois deste estudo geral dos meios empregados, restamos ainda, para liquidar com esta questão, examinar alguns casos particulares.

I — O problema dos venenos.

O papel da imitação no suicídio deu motivo a numerosas discussões. Não pretendemos discutir este problema geral. Diremos sòmente, que, para nós existe um contágio suicidogênico, mas que este age dentro de certos limites: o que de um lado é fornecido pelo temperamento, pela constituição mental, pelas disposições patológicas — a imitação detendo-se diante das pessoas normais, dos caracteres bem constitui-

dos — e o que de outro lado deriva do meio social, dos caracteres dos diversos grupos, como Durkheim bem o demonstrou na sua discussão com Tarde.

A imitação é, pois, um fenomeno inter-mental que só pode agir no quadro das diversas coletividades e que cessa nas proprias fronteiras dessas coletividades.

O homem de côr é sempre considerado como mais suggestionavel que o branco. Em todo caso, o contagio do suicídio não é fato que êle ignora. Alcantara Machado cita dois casos, que lembraremos: duas mulheres de 28 e 25 anos, uma mulata, a outra preta, ambas alcoolatras, tinham sido detidas por vagabundagem. No mesmo dia da libertação, passando pela ponte do Tamanduateí e vendo um soldado que delas se aproximava, precipitaram-se, uma depois da outra, no rio.

Duas moças, igualmente mulata e preta, de 14 e 21 anos, criadas de servir na mesma casa, ligadas por estreita afeição, são ameaçadas de separação pela partida de uma delas para Santos com sua família. Depois de terem passado a noite em relações amorosas, decidem morrer juntas e se atiram ambas da Ponte dos Inglêses no rio (1).

Achamos fatos análogos no interior do Estado. Em 1874, Salvador e sua mulher, escravos na fazenda de Fr. Aguiar e Silva, deliberam igualmente morrer e se afogam em um tanque (2). E' evidente que, em todos esses casos de suicídio a dois, há um que manda e outro que obedece, como se vê pela diferença de sexos: homem e mulher; e pela diferença de idades: 28 e 25 anos, 21 e 14 anos; a deliberação então apenas disfarçar, sob a aparência de pensamento lógico, a simples força irracional do contágio.

Mas, para se poder julgar melhor essa ação da imitação, seria necessário que pudéssemos estudar os diversos tóxicos empregados nos casos de envenenamento. Notariamos então que a imitação age apenas nos limites de um grupo local. Por exemplo, em São Salvador (Bahia), segundo um estudo do dr. Edgard de Cerqueira Cesar, de 1916 a 1926, a porcentagem dos venenos em relação á soma de envenenamentos é:

Cianêto de potassio	—	59,3%
Arsenico	—	17,0%
Lisol	—	7,4%
Outros	—	15,6%

(1) Op. c.

(2) Relatório do Chefe de Policia, de 1874.

Ao contrário, “a tese do dr. Floriano de Alencar... , no ano de 1935, consigna... um unico caso determinado pelo cianêto de potassio e uma tentativa, ao passo que enumera quatro consumados com o lisol e dez tentativas... Por sua vez, asseveraram os drs. Flaminio Favero e José Libero que o uso do cianêto de potassio como agente de suicídio é quase nulo em São Paulo, enquanto o lisol é o tóxico constantemente preferido, fornecendo sempre o maior contingente de casos consumados”. As duas razões dadas pelo autor para esta preferência pelo cianêto de potassio são: “a facilidade de obtenção do tóxico” e “a divulgação escandalosa, em estilo sensacional, feita pelos jornais profanos dos suicídios desse gênero”. (1) Vê-se que, dessas duas causas, a primeira é geral e vale para todo o Brasil onde aquele tóxico é empregado como formicida. Si, pois, esse veneno é aqui preferido ao lisol e ali não, é à imitação e somente à imitação que se deve atribuir a razão, a imitação agindo, como se vê, no seio de um grupo social restricto. Temos, aliás, uma prova suplementar si considerarmos o caso de Buenos Aires:

1920-25	Cianureto de K:	zero	Arsenico:	96;	lisol:	43;	Outros:	1099		
1826-32	”	”	”:	1839;	”	26;	”	: 31;	”	: 2571 (2)

Estatísticas que nos mostra como um tóxico outrora não utilizado acaba por tomar, por influência da imitação, um lugar preponderante entre as diversas fórmulas de envenenamento.

Mas, a questão que nos interessaria seria saber si, no interior do grupo local, a marcha da imitação se faz ao acaso ou si respeita as diferenças dos grupos de cor. Seria extremamente curioso vêr si a imitação se limita ás fronteiras raciais, agindo apenas numa categoria, ou si, ao contrário, invade as coletividades sem consideração pelas distinções dos costumes e tradições destas.

O dr. Cerqueira Falcão, a quem propuzemos essa questão em relação a São Salvador, não pôde nos responder, por falta de dados sobre o problema. Também nós não os temos para São Paulo e, si nos puzessemos a recolhê-los agora, é provavel que não encontrassemos, na escolha dos tóxicos, senão pouca diferença entre os pretos, os mulatos e os brancos, pois vimos que a tendência actual é a assimilação dos meios empre-

(1) E. de Cerqueira Falcão — “Res Hippocraticae” (O envenenamento pelo cianêto de potassio) p. 161-184.

gados. Seria interessante dispôr desses dados para os anos anteriores. Na falta dêles, não podemos senão colocar um problema que é impossível resolver.

II — Um suicídio dramático.

Vimos nas estatísticas de 1917-36 a importância da rubrica: "outros meios", importância que é marcada pelo fato de ocupar o segundo lugar no conjunto das fórmulas de suicídio.

Esse lugar da escolha mostra a necessidade de se analisar essa rubrica, porque a sua colocação revela que tem uma grande extensão. Felizmente é o que fazem as estatísticas policiais desde 1938 e essas análises fazem-nos descobrir um tipo

(2) E. de Cerqueira Falcão — "Res Hippocraticae" (sobre a acentuada preferência dos suicidas pela ingestão de cyaneto de potássio). Os Relatórios do serviço de Medicina Legal nos dão para alguns anos somente os diversos meios empregados para se envenenar. Nota-se-á que o lisol, apesar de sua importância, é ultrapassado pela creolina e pelo iodo. Entretanto, ao passo que a percentagem do lisol varia pouco em relação ao conjunto dos tóxicos utilizados, o iodo vai sempre melhorando a sua percentagem.

Total	Anos	Creolina	Creosoto	Lisol	Acido fenico	Outros acidos	Iodo	Per- mangato de potassio	Sublimado corrosivo	Soda caustica	Outros	Ignorados	Outros	Ignorados
192	1912	49 25%	9 4%	12 6%	9 4%	8 4%	14 7%	9 4%	14 7%	—	66 34%	12 4%	66 34%	12 4%
167	1913	59 35%	5 2%	15 8%	13 7%	5 2%	10 6%	4 2%	11 6%	—	45 26%	10 6%	15 26%	10 6%
222	1914	90 40%	11 5%	13 6%	6 2%	3 1%	15 7%	9 4%	15 6%	—	51 22%	9 4%	51 22%	9 4%
181	1915	74 40%	4 2%	8 4%	13 7%	6 3%	11 6%	9 5%	14 8%	—	42 23%	—	42 32%	—
153	1920	44 28%	6 3%	11 7%	4 2%	3 1%	28 18%	10 6%	6 3%	—	41 26%	10 6%	41 26%	10 6%
159	1922	51 32%	7 4%	8 5%	3 2%	6 3%	31 19%	3 2%	3 2%	1 0,5%	41 25%	5 3%	41 25%	5 3%
109	1923	46 42%	4 3%	10 9%	3 2%	2 1%	32 29%	2 1%	—	1 0,9%	9 8%	—	9 8%	—
330	1936	52 13%	3 0,7%	30 7%	15 4%	76 20%	44 11%	8 2%	—	31 8%	121 31%	—	121 31%	—

de suicídio particularmente dramático — o de atear fogo às vestes.

Ora, esse estudo vai justamente permitir-nos apanhar melhor as relações entre o fator inter-mental da imitação e o fator sociológico do grupo social.

O relatório anexado aos quadros estatísticos de 1938 diz: “A rubrica “fogo” em 19 casos de suicídios e tentativas, não acusa sequer um indivíduo do sexo masculino. Aliás, o fogo é um meio de suicídio privativo, por assim dizer, da mulher”. Os dados dos anos posteriores confirmam essa observação com 17, 21 e 30 mulheres para 3, 1 e 1 homens, sucessivamente. Essa fórmula de morte voluntária parece, pois, aumentar de ano em ano, o caráter patético ajudando certamente sua influência contagiosa; mas aumenta somente no interior de um grupo social, o grupo feminino. (1)

Podemos ir mais longe ainda. Graças á possibilidade que tivemos de consultar os prontuários dos suicidas do ano 1941-1942, pudemos determinar em que profissões esse genero de morte é particularmente preferido e verificamos que esse é, entre todos, o suicídio preferido pelas meretrizes. (2) Vê-se, aliás, a ligação entre a profissão e esse fim dramático. Essas mulheres, que devem representar, que são por assim dizer as atrizes do amor, têm uma certa predileção por essa encenação teatral, pelas chamas devorantes, pelo corpo que se contorce sob o beijo do fogo. Habitadas a exagerar sempre os seus sentimentos, a um certo patético de ternura com os seus maridos, a um certo patético de sofrimento e de desgosto nas suas relações com as companheiras, elas não podem deixar de desejar um meio de desertar da vida com a mesma intensidade e o mesmo patético. Póde-se ajuntar a isso uma espécie de protestação social contra a dona da casa de tolerância, contra os clientes que podem ainda se encontrar na casa, contra a sociedade inteira que as reduziu a esse estado de servidão: trata-se talvez de suscitar o remorso impressionando os nervos por uma visão horrivel, de indicar em todo caso o seu desejo de revolta. Podem-se ajuntar a essas razões, para algumas delas, tendências exibicionistas e como que uma lembrança do fogo purificador: si seus corpos pecaram e não suas almas, que permaneceram puras, que as chamas destruíam completamente, reduzam a cinzas essa carne aviltada

(1) No Rio, do mesmo modo, em 100 suicídios de mulheres, contam-se 40 pelo fogo, ao passo, que em 100 de homens ha somente um pelo fogo.

(2) Em 1942, 4 suicídios pelo fogo em 12 (o resto, em geral, veneno). Mas, em 1941, o fogo, ao contrário, domina o veneno.

e profanada, duplamente mortificada, pelo proprio vicio e pelo dos homens que nelas se espojaram. Não cremos nos enganar dizendo que subsiste um certo romantismo nesse suicídio teatral. (1)

Certamente, seguindo-se a evolução desta maneira de matar-se, parece que ela passou das mulheres de classe baixa, domésticas e criadas, ás meretrizes. Sòmente, nós não conhecemos a vida dessas mulheres de classe baixa e como é muito difícil de se traçar um limite entre a prostituição regulamentada e as famílias desorganizadas, os lares precários, os casais passageiros, parece que esse suicídio age em um círculo social relativamente fechado.

Chegamos agora ao objeto deste estudo, a distribuição racial. Dispomos para esse ponto dos dados de 1941-42. Ora, em um total de 23 suicídios pelo fogo entre pessoas de côr, há 9 de meretrizes, garçonetes e 12 de operárias e domésticas. (Acrescentamos que os prontuários indicam que estas ultimas são analfabetas ou que têm instrução primária rudimentar, o que mostra imediatamente a classe a que pertencem). Portanto, a classe importa mais que a raça.

O suicídio pelo fogo é, ao menos em São Paulo, típico de uma certa situação social, não de uma raça. A imitação é, pois, um fator insuficiente para explicar o suicídio, como Durkheim viu muito bem, porque age sòmente dentro de certas categorias. Seu campo é determinado de antemão pelos fatores sociológicos.

E quando a imitação age de uma categoria para outra, como do branco para o mulato, si o mecanismo dessa ação só se explica psicologicamente, trata-se em todo caso de psicologia coletiva, da psicologia de um grupo. Aqui ainda o suicídio depende da sociologia e não da psicologia inter-mental.

AS CAUSAS DO SUICÍDIO E A CÔR

Os pesquisadores são aqui obrigados a levar em conta a narração da família ou da propria pessoa que tentou matar-se. As respostas ás perguntas feitas pelos médicos legistas, é inútil dizê-lo, nem sempre correspondem á verdade. É preciso, em seguida, classificá-las em um quadro padronizado,

(1) O caracter dramático explica-se tambem em parte pelas razões dadas pela procura da morte. Em 10 suicídios desse tipo em 1941, ha sòmente um devido ao alcoolismo e três que provêm de casos de alienação mental.

o que nem sempre é fácil. Por exemplo, um termo como “questões íntimas” é tão cheio de significações que acaba por não dizer nada. Por isso, à falta de documentos mais ricos, como cartas, biografias etc., não nos demoraremos neste parágrafo. Tanto mais que os motivos não variam quando se passa de uma côr para outra.

Assim, de 1876 a 1940, temos para o conjunto de brancos, pretos e mulatos a seguinte ordem:

- 1 — Alienação (19%)
- 2 — Dificuldades pecuniárias (15%)
- 3 — Amôr (14%)
- 4 — Alcoolismo (12%)
- 5 — Criminalidade (10%)
- 6 — Outros (9%)
- 7 — Desgostos domesticos (7%)
- 8 — Sofrimentos físicos (5,9%)
- 9 — Perda dos pais (3%)
- 10 — Más tratos (2%) (1)

De 1938 a 1941, a ordem se modificou, sem duvida, por causa do maior número de tentativas conhecidas:

- 1 — Motivos íntimos (911 casos)
- 2 — Moléstias incuraveis (911 casos)
- 3 — Amores (157 casos, dos quais 110 por amores contrariados e 47 por ciumes)
- 4 — Alienação (101 casos)
- 5 — Questões de negocios (79 casos, dos quais 53 por insolvabilidade)
- 6 — Questões de família (68 casos)
- 7 — Outros (42 casos)
- 8 — Tédio (34 casos)
- 9 — Alcoolismo (33 casos)
- 10 — Questões de honra (19 casos)
- 11 — Miséria (9 casos)
- 12 — Remorsos e más tratos (7 casos)
- 13 — Causas desconhecidas (15 casos)
- 14 — Obsessão religiosa (2 casos)
- 15 — Vingança, desilusão e devassidão (3 casos) (2)

(1) Alcantara Machado, op. c.

(2) A Estatística Policial-Criminal do Estado de São Paulo.

Esses números referem-se ao conjunto das três côres. Ora, si tomarmos, agora, os casos de suicídio de pessoas de côr, de 1941 e 1942, unicos anos em que encontramos esses dados, veremos que a ordem é quase a mesma ou que as diferenças são tão pequenas que se tornam praticamente negligenciáveis, dado que só temos essa repartição racial em dois anos, o que é insuficiente para se poder fazer comparações uteis.

Homens de côr

- 1 — Motivos ou desgostos intimos (32 casos, dos quais 16 de pretos e 16 de mulatos)
- 2 — Moléstias incuráveis (12 casos, dos quais 5 de pretos e 7 de mulatos)
- ” — Amôr e ciumes (12 casos, dos quais 3 de pretos e 9 de mulatos)
- 3 — Causas ignoradas (6 casos, dos quais 2 de pretos e 4 de mulatos)
- 4 — Alienação (4 casos, dos quais 3 de pretos e 1 de mulato)
- ” — Dificuldades financeiras (4 casos, todos de mulatos)
- ” — Alcoolismo (4 casos, dos quais 2 de pretos e 2 de mulatos)
- „ — Desemprego (4 casos, dos quais 2 de pretos e 2 de mulatos)
- 5 — Questões de família (3 casos, todos de pretos)
- 6 — Máus tratos e honra (um caso de cada uma das causas, ambos de mulatos)
- „ — Desilusão, miséria, baixo-espírito (um caso de cada uma dessas classes, todos de mulatos)

As pequenas diferenças a que aludimos explicam-se pelo estado de desagregação do meio que impede o investigador de conhecer exatamente as causas dos suicídios (donde a maior porcentagem dos casos ignorados), e que faz também com que as questões de família percam a sua importância, ao passo que o alcoolismo sóbe de posição e o desemprego aparece como categoria à parte. Mas em geral, em toda a parte, qualquer que seja a côr da pele, o homem reage do mesmo modo deante da vida, das dificuldades amorosas ou financeiras.

A conclusão deste novo parágrafo completa, pois, e reforça a do parágrafo precedente. Não é a psicologia, mas sim a sociologia que pôde explicar o suicídio. De fato, cada vez que nos encontramos na presença de fatos psíquicos (imitação, motivos íntimos) vemos que as diferenças entre as côres se anulam. Ao contrário, cada vez que estudamos as côres como categorias sociais, as diferenças aparecem: diferenças na reação dos sexos, diferenças na reação das diversas categorias domésticas, diferenças nos meios empregados na busca da morte.

CONCLUSÕES

As conclusões a que fomos levados, podemos resumilas em quatro grandes leis tendenciais:

1.a — As divergências entre os três grupos de côr tendem cada vez mais a desaparecer; a porcentagem dos suicídios de brancos, de pretos e de mulatos em relação ao conjunto da população tende a corresponder á porcentagem das diversas côres na população; do mesmo modo há uma assimilação progressiva dos meios empregados para se conseguir a morte.

2.a — Esta assimilação, entretanto, é até certo ponto, dificultada, e seus efeitos por conseguinte retardados, pelo caráter mais tradicional e conservador do homem de côr.

3.a — As diferenças que se mantêm ainda com maior força são as diferenças de sexo e de estado civil; maior numero de suicídios entre as mulheres e entre os celibatários.

4.a — Os fatores sociais prevalecem sobre os fatores psíquicos e inter-mentais.

Esta ultima lei é de maior importância para nós. O estudo do suicídio em São Paulo com efeito interessa-nos porque nos fornece como que uma espécie de experiência crucial que nos permite decidir a discussão que, ha alguns anos, surgiu entre os cientistas sôbre as causas do suicídio. Depois dos bellos estudos de Durkheim (1) e de Halbwachs (2) sôbre o suicídio manifestou-se, na França, uma reação, primeiramente com o dr. Charles Blondel que certamente aceita a definição "durkheimiana" do suicídio como fato social, porque é um

(1) Durkheim — "Le Suicide", Alcan, 1897.

(2) Halbwachs — "Les causes du Suicide", Alcan, 1930

fato de massa, mas que acrescenta imediatamente que a regra de Durkheim: um fato social se explica sempre por outro fato social, não prevalece para o suicídio: “na realidade, o social se faz com o não social, como o que vive se faz com o inanimado... Trata-se de, no estudo do homem, que é ao mesmo tempo um ser biológico e um ser social, deixar e conceder sua parte ao fisiológico ao lado do social e de reconhecer que o social tem no fisiológico suas condições de aparecimento e que só existe quando o fisiológico o admite e o comporta”. No suicídio em particular, o social apenas traça as vias, é unicamente a fisiologia que conduz o indivíduo. (1)

O maior adversário da tese sociológica não é entretanto o Dr. Blondel, mas o Dr. Achille-Delmas (2). Confrontando o suicídio com a sua classificação dos tipos psicológicos, em paranóicos, perversos, mitomanos, ciclóticos e hiper-emotivos, observa que o suicídio só se encontra entre estes dois últimos tipos; que os outros lhe são refratários e que, por conseguinte, o suicídio depende em ultima análise de constituição do homem, não da sociedade. O mais interessante é que esta teoria leva em conta fatos descobertos por Durkheim e Halbwachs, mas, entende-se, dando-lhes outra significação: si os celibatários se matam mais que os casados, é porque os constitucionalmente deprimidos recuam diante do casamento. Si o suicídio é maior entre os protestantes que entre os católicos, é porque originariamente são os ciclóticos exaltados que mudaram de religião, por causa do temperamento movel e inquieto; e, como a constituição é hereditária, há possibilidades de que o meio protestante continue a ser composto relativamente de mais ciclóticos que os outros meios religiosos. Si nas cidades suicida-se mais que no campo (o que aliás não é inteiramente certo, porque as estatísticas rurais são menos seguras que as estatísticas urbanas e há hoje uma tendência no equilíbrio que não póde explicar-se senão pelos progressos dos métodos de recenseamento no campo) é, na medida em que o fato é exato, porque os ciclóticos não podem se satisfazer com a vida tranquila da aldeia e emigram mais facilmente para os grandes centros.

Entre essas duas teses opostas, sociológica e psicológica, há uma tese intermediária, que é a dos psicanalistas: certa-

(1) Ch. Blondel — “Le Suicide”, Strasbourg, 1933.

(2) Achille-Delmas — “Psychologie-pathologique du Suicide.

mente o suicídio provém de causas individuais, de uma forma de extremo masoquismo (1), ou de um sentimento de hostilidade frustrada que se volta contra si próprio (2), ou de um desejo de retornar à situação intra-uterina (3). Mas, quem não vê que esses fatores individuais resultam em última análise de fatores sociais: o masoquismo e a saudade da vida fetal, de certas fórmulas de educação familiar; e a frustração, da estrutura de castas? (4). Do mesmo modo Cavan valoriza a atitude suicidogênica individual, mas mostra que, para se precisar, este tem necessidade de se tornar uma atitude social, que o grupo entre em convivência com a pessoa. Insiste principalmente na complexidade da vida social, que aumenta as dificuldades do ajustamento e torna, assim, os candidatos ao suicídio, que pederiam resistir em outros meios mais equilibrados, menos capazes de resistir aos seus impulsos para a morte (5).

Parece-nos que o estudo da diferenciação dos suicídios segundo a côr permitir-nos-á mais facilmente vêr onde está a verdade, distinguir mais facilmente, na medida em que a côr é um critério de raça, entre os fatores fisiológicos ou psíquicos e os fatores sociais. Como disse, temos procurado neste artigo, não a satisfação de um simples interesse de curiosidade, mas uma espécie de experiência crucial.

Ensaieemos, pois, interpretar os resultados obtidos através da discussão dos médicos e dos sociólogos. Comecemos pelo mais exterior, para ir pouco a pouco para o mais profundo. O mais profundo é o elan sombrio para a morte, é essa reviravolta do instinto, da conservação para a destruição. O mais superficial é o meio empregado: veneno, arma de fogo, instrumentos cortantes, etc. Os meios são fornecidos pelas circunstâncias do momento e pelas contingências do meio; sem dúvida, pôde haver casos em que se produza uma inextricável ligação entre o fim pretendido e o método escolhido; si tivéssemos a biografia psicanalítica dos suicidas, talvez percebessemos que a escolha dos processos não é tanto obra do acaso como se crê à primeira vista. (6)

(1) **Menninger** — "Man against Himself", New York, 1930.

(2) **Roalfe** — "The Psychology of Suicide" (Journ. of Abn. and Social Psychology, 1928).

(3) **Otto Rank** — "Le traumatisme de la naissance", Payot, 1928.

(4) **Dollard** — "Caste and Class in a Southern Town", Yale Univ. Press, 1937.

(5) **Cavan** — "Suicide", Chicago, 1928.

(6) **Anita Muhl** — Estudo sobre o suicidio na America, in "Psychoanalytical Review", XIV, 3.

Entretanto, a existência de pessoas que fracassam no suicídio várias vezes e prosseguem nas suas tentativas de cada vez, utilizando processos novos, prova bem que os meios têm importância apenas relativa. Ora, aqui, fomos levados a distinguir maneiras diferentes de morrer, segundo tratavamos do grupo masculino ou do grupo feminino, do grupo dos brancos ou do grupo dos homens de cor. Pois, bem, essas diferenças são de origem social. O veneno feminino, a arma de fogo masculina não separam dois temperamentos, mas dois tipos de preparação social. Os estudos antropológicos sobre a educação feminina conforme às raças, em particular os estudos de Margaret Mead, demonstram definitivamente que o que atribuímos ao temperamento, o medo de sangue, dos meios violentos, não é senão o produto de uma educação diferenciadora que não existe em toda parte. Do mesmo modo si, mais que o branco, o preto se enforca, se afoga, se atira de um lugar alto, é porque sua condição social, não lhe permitindo ter armas, obriga-o a se utilizar, a se servir da natureza para chegar aos seus fins destrutivos. Mas, o que no começo é imposição da condição, acaba por se tornar tradição; tivemos prova disso comparando os suicídios de brancos e de pessoas de cor de um mesmo nível social. A tradição se esborôa, entretanto, com o tempo; os contactos que se multiplicam, a interpenetração dos grupos, a ausência de barreira de cor faz com que, a pouco e pouco, as diferenças desapareçam, para se chegar à assimilação, à identificação dos processos. Temos, pois, aí, um primeiro ponto em que o suicídio depende da sociologia.

Mas, o sociológico age até aqui apenas na superfície das cousas. Como dissemos, o importante não é a maneira como se suicida, mas sim o fato do desejo de se suicidar. Ora, o estudo do suicídio em São Paulo mostrou-nos a importância dos fenômenos de marginalidade, corroborando neste ponto, aliás, observações feitas precedentemente nos Estados Unidos. O homem marginal, seja o imigrante, seja o mulato, seja o negro transplantado, mata-se mais que o homem integrado no seu meio, seja o branco na sua terra natal ou o negro na Africa. Tomemos primeiramente o imigrante: o que nos impressionou não é somente o fato de que o imigrante no Brasil se mata mais que o brasileiro, pelo menos no começo, mas sobretudo o fato de que se mata mais que seu compatriota que permaneceu em sua terra natal. E verdade

que o Dr. Achille Delmas poderia objetar que os imigrantes se recrutam entre os ciclotímicos exaltados, por conseguinte a elevação da porcentagem de suicidas no novo habitat explicaria-se pela constituição, não pelo choque cultural. Poder-se-ia responder a isso que as estatísticas dos Estados Unidos mostram que máximo de suicídios é atingido depois de um período de dez anos; é, pois, a consequência de um esforço paciente e tenaz de assimilação, que falhou; as crises de depressão alternadas com crises de exaltação não são, com efeito, crises decenais! O ritmo da vida psíquica é mais rápido que o ritmo vida e morte. Mas, nossa resposta não é decisiva, porque sabe-se que o que caracteriza os ciclotímicos são que as crises de depressão vão se multiplicando e intensificando sua duração à medida que o homem envelhece; é assim, aliás, que Achille-Delmas explicava porque há mais suicídios de adultos que de jovens. O período de dez anos dos imigrantes norte-americanos seria, pois, menos um sinal do fracasso da assimilação que um efeito da própria natureza da constituição psíquica dos ciclotímicos.

O caso dos imigrantes não é, pois, decisivo. Vejamos o dos homens de côr. Chegamos ao nosso problema central, o da raça. Ao correr de nosso estudo, tivemos razão ao considerar a côr como constituindo grupos sociais em vez de grupos raciais? A psicologia do africano não dará melhor as razões do suicídio do negro que o seu lugar na sociedade? Sem querer aprofundar no problema da psicologia diferencial, são incontestáveis — e nisso os cientistas são acordes — a extrema emotividade e também a mobilidade psíquica do negro. Ora, encontrando-se o suicídio somente entre os emotivos (10%) e os exaltados-deprimidos (90%), não temos nisso uma explicação suficiente do grande número de suicídios de africanos? Não, porque a explicação não nos parece verificada pelos fatos. Vimos, de fato, que, si no começo a porcentagem do homem de côr é mais alta que a do branco, no fim do ciclo, no atual período, as porcentagens segundo a côr parecem corresponder mais ou menos exatamente à distribuição das raças no conjunto da população. E o que dizemos em relação a São Paulo verificar-se-à provavelmente para o resto do Brasil. Numa viagem ao Nordeste, pudemos consultar os documentos da polícia da Baía e pareceu-nos, que lá também, a distribuição dos suicídios segundo os gru-

pos de côr correspondia mais ou menos à situação demográfica da cidade. (1).

Para poder salvar a tese de Achille-Delmas seria preciso que disséssemos que não há diferenças raciais importantes e aliás cremos que isso é verdade. Si o africano é mais emotivo, é porque está rodeado dum universo mágico, povoado de espiritos, e espiritos muitas vêzes malfazejos; é porque sua concepção religiosa ou mística das cousas é um excitante permanente de sua sensibilidade; é um fenomeno de educação social, não uma questão de temperamento. Do mesmo modo, a mobilidade psiquica do negro vem de sua vida social mais ritmada que a nossa, com seus periodos festivos de exaltação coletiva e seus momentos cotidianos de trabalho; é também porque sua personalidade individual não está ainda completamente separada do grupo; é, pois, sempre um resultado de sociedade, não um caso de predominancia de certa constituição. Podemos, pois, concluir dizendo que a distribuição dos diversos temperamentos — paranóico, mitomano, perverso, emotivo, ciclotímico — é a mesma em toda parte, qualquer que seja a côr da pele. Assim elaborada, a tese psicológica do suicídio é mais forte?

Si ela explica os fatos estatísticos recentes, a igualdade entre as porcentagens de suicídios e as porcentagens demográficas, ao contrário não explica os fatos antigos. Vimos, de fato, que no periodo escravagista, o preto se matava muito mais que o branco. A imigração africana terá, pois, feito vir ao Brasil uma maioria de ciclotimicos? Mas, o que era aceitavel quando se tratava de imigração livre não pode valer quando se trata de imigração forçada. Si o alemão ou o italiano que se exilam dependem talvez de um certo temperamento, o preto escravizado não escolheu sua sorte; foi preso, roubado, vendido, é o guerreiro aprisionado em combate, é o infeliz embebedado e agrilhado durante o sono, é a criança entregue pelos pais por uma importância em dinhei-

(1) Anos	Brancos		Pretos		Mulatos	
	Suicid.	Tentat.	Suicid.	Tentat.	Suicid.	Tentat.
1939	9	19	13	14	22	27
1940	14	16	11	19	26	28
1941	13	?	6	?	17	?
1942	18	14	9	13	25	29
	54	49	39	46	90	84

ro. E evidente que a seleção entre os que permaneceram na Africa e os que vieram nos navios negreiros não corresponde de maneira alguma a uma diferença constitucional. Uma imigração livre discrimina tipos psicológicos; uma imigração forçada, não. Seria verdadeiramente um milagre si os navios negreiros estivessem povoados somente de certos tipos psicológicos em detrimento de outros quando os métodos de escravisação deitavam mão de todos os homens encontrados.

Há mais. Não somente o preto escravo se mata mais que o branco e que o africano que ficou na Africa, como, no Brasil, com o correr do tempo, um certo contingente de homens de côr pode se libertar do estado servil e vimos que o homem de côr escravo se mata mais, no mesmo período de tempo, que o homem de côr livre. Póde a tése psicológica explicar essa diferenciação? Aqui ainda, é admissível supôr-se que os atos de libertação tenham escolhido justamente os paranoicos, mitomanos ou perversos, e que permaneçam escravos os emotivos ou ciclotímicos? As cartas de alforria eram dadas geralmente a creoulos, portanto, a pessoas habituados desde o nascimento ao novo meio, mais adaptadas, em geral, mesmo culturalmente assimiladas. A libertação do jugo servil fazia-se frequentemente por testamento, favorecendo a antigas amantes de côr, a bastardos, etc. Ainda aqui seria um milagre si todas essas razões contingentes coincidissem com a linha dos tipos constitucionais!

Outro fato há que nos impressionou. Entre os escravos, os suicídios não estão igualmente distribuidos. Deixemos a distribuição por etnias, que poderia depender do fisiológico, para tomar a repartição ecológica, por fazendas. Havia mais suicídios de escravos no Brasil que nos Estados Unidos, e no interior do Brasil, mais nas casas dos senhores bons que nas dos senhores crueis. Devemos pensar que o acaso tenha acumulado em certos lugares os emotivos ou os ciclotímicos que teriam ficado mais dispersos em outros lugares? Seria verdadeiramente curioso acaso! A compra de peças da costa submetia-se a dois fatores: de um lado, a situação pecuniária do fazendeiro e o preço corrente das peças e, de outro lado, a natureza do trabalho para o qual necessitava-se da mão de obra unida à constituição *física* (força, saúde, etc.) do homem vendido. Nem esse fator economico, nem esse fator físico coincidem com a constituição mental.

Somos, pois, sempre levados à mesma conclusão: é que o suicídio depende na verdade do estatuto social e exclusivamente do estatuto social. A passagem de um grupo para outro, do grupo servil para o grupo livre, acarreta "ipso facto" um decréscimo, uma diminuição dos suicídios. O estudo racial é como um sismógrafo, que registra violentos tremores morfológicos. Si na Europa, onde os suicídios variam pouco, onde as variações se fazem progressivamente e onde as curvas dominam as linhas quebradas, se pode compreender que a tésé psico-patológica tenha triunfado, no Brasil as variações brutais traduzem melhor as subversões de estruturas sociais e conduzem à explicação sociológica.

Entretanto, não acreditamos ter o direito de triunfar tão cedo. Quando expuzemos rapidamente a teoria do Dr. Achille-Delmas, expuzemos apenas a parte construtiva da sua teoria, deixamos de lado a parte negativa, a crítica do método estatístico. Precisamos voltar a esse ponto. Si as estatísticas se afiguram demonstrativas quando as consideramos em relação ao número absoluto dos suicídios, tornam-se negligenciáveis quando examinamos a porcentagem dos suicídios em relação às pessoas que não se matam. Tomando emprestado ao nosso autor um exemplo significativo, em um milhão de habitantes há na Inglaterra 999.940 pessoas que não se matam e em Saxe 999.656; póde-se encontrar na cultura de Saxe, nos seus costumes, na sua religião, etc. um elemento diferencial que possa explicar essa diferença de 1/3.000? Si acrescentarmos que o suicídio do branco era escondido, que a morte do negro por maus tratos podia ser dada pelo senhor como suicídio, chegaríamos então à conclusão de que o número dos suicídios é apesar de tudo muito pequeno em relação às pessoas que não se matam para que possamos explicá-lo só pelo estatuto social. Havia muitos escravos, mas somente uma pequena minoria que se matava: somente os que não conseguiam suportar seu estado, os que pertenciam a um determinado tipo psicológico.

É certo. A objeção procede. Precisamos levar em conta as diferenças individuais. Mas as variações dos suicídios, segundo o estatuto social subsiste: a sociologia contínua, pois, a ter seu lugar. Em suma, nossa conclusão é que há simbiose entre os fatores individuais e os fatores coletivos: o social age através do psíquico, e o psíquico é ajudado ou entravado pelo social. Conforme as nossas preferências, podemos dar mais a um ou a outro desses fatores, dizer que um é causa

e o outro somente condição; mas a nosso ver a verdadeira causa é o proprio fato da simbiose. O brasileiro nato pertencia ao meio patriarcal, católico, ligado à terra, submetido ao constrangimento de representações coletivas poderosas que condenavam o suicídio; daí, a sua repugnância ao suicídio, mesmo si o temperamento o predispuzesse a matar-se; mas, à medida que, em consequência da urbanização, da mistura étnica, da industrialização, desapareceu a mentalidade antiga, então diminuíram a força constringente das representações coletivas, o controle do meio; não estando mais preso, o temperamento, antigamente reprimido, pôde agora se manifestar mais livremente. Para o homem de côr, temos um fenomeno inverso, embora da mesma natureza: enquanto o africano conserva a mentalidade primitiva, a concepção animista, a idéia de que as almas do outro mundo vêm à terra para perseguir os vivos, a idéia de que as almas depois da morte voltam para o paraíso tribal, então as representações coletivas impêlem ao suicídio; essas representações coletivas aqui não eram inibidoras, mas creadoras. Entretanto, à medida que o estatuto do homem de côr muda, que a transculturação aumenta, cessa tal ação dinâmica e o elemento psíquico, a constituição, assume importância maior. Eis porque, partindo de estatísticas que assinalam forte opposição, chegamos a estatísticas marcando uma assimilação entre os três grupos de côr. As forças psíquicas manifestam-se, pois, (si nossa interpretação parece justa) na medida em que as forças sociais diminuem. Entretanto, estas últimas não cessam jamais, e o fato de continuarem a existir diferenças do sexo, de estado civil, de idade, até de hora do dia (1), prova que a estrutura social do grupo preto ou mestiço deve ser diferente da do grupo branco. Infelizmente, não dispomos de dados suficientes para comparar o suicídio conforme as classes sociais, para vêr si essas diferenças dependem (mesmo tipo para os brancos e as pessoas de côr de um nível mais elevado; mesmo tipo para a gente de côr e os brancos de um nível mais baixo) de diferenças não de grupos raciais, mas de grupos de classes. Sendo assim, o estudo do suicídio seria um reativo interessante para ver como se processou a passagem da casta à classe.

(1) Dividindo-se o dia em quatro partes (0-6 horas, 6-12 horas, 12-18 horas, 18-24 horas) pôde-se notar que o branco se mata mais no terceiro quartil, ao passo que o preto se mata mais no último quartil.

APÊNDICE I

SUICÍDIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

1916 — 1942

Porcentagens das diversas formas de suicídio

ANOS	Envenena- mento	Armas de fogo	Afoga- mento	Enforca- mento	Precipita- ção	Outros meios
1916	27,4%	33,4%	5,8%	17,6%	7,8%	7,8%
1917	20,3	38,9	8,4	3,3	8,4	20,3
1918	17,3	28,2	13,0	19,5	13,0	8,6
1919	11,5	48,0	11,5	15,3	1,9	11,5
1920	23,2	44,6	5,3	8,9	5,3	12,5
1921	24,1	38,7	4,8	8,0	8,0	16,1
1922	23,7	42,3	8,4	6,7	3,3	15,2
1923	9,8	35,2	9,8	9,8	15,4	19,7
1924	21,8	14,5	5,4	3,6	1,8	52,7
1925	15,0	36,6	3,3	11,6	3,3	30,0
1926	13,7	27,4	—	13,7	1,9	43,1
1927	14,2	51,1	4,7	19,0	1,1	9,5
1928	17,8	41,0	2,1	5,2	3,1	30,5
1929	19,4	14,9	7,4	14,9	—	43,2
1930	29,5	27,8	1,6	11,4	1,6	27,8
1931	18,0	6,5	1,6	13,1	1,6	59,0
1932	15,7	35,7	2,8	15,7	7,1	22,8
1933	26,0	14,4	10,1	13,0	—	36,2
1934	28,0	23,5	8,9	16,8	—	22,4
1935	30,4	25,7	7,6	10,4	3,8	21,9
1936	13,8	26,5	10,6	25,5	2,1	21,2
1937	25,6	26,6	14,6	14,6	1,8	16,5
1938	28,0	33,3	9,0	11,3	3,7	14,3
1939	29,0	29,6	8,3	—	7,7	25,1
1940	25,4	24,2	11,5	13,9	9,6	15,1
1941	32,8	21,8	9,3	10,9	7,0	17,9
1942	34,8	17,9	1,6	14,0	6,7	24,7
Porcentagem média	22,07	29,94	6,94	12,13	4,70	23,91

A IMPRENSA NEGRA DO ESTADO DE S. PAULO

A sociologia tem como um dos seus principais objetos de estudo, o exame das representações coletivas, dos sentimentos mais gerais, característicos de um grupo, das atitudes e das necessidades comuns a uma classe de indivíduos. Daí a importância da imprensa, que representa justamente essas aspirações e esses sentimentos coletivos. Nosso fim, neste trabalho, não é, pois, dar um quadro histórico da imprensa negra em São Paulo, mas sim discernir, através dela, a mentalidade de uma raça.

Sem dúvida, poder-se-ia fazer a esse projeto um certo número de críticas. Primeiramente, os jornais de negros não têm grande tiragem; vivem miseravelmente; poucos duram mais de um ano. Mas, o argumento não é convincente: si esses jornais têm uma existência fragil, é porque se dirigem a uma classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente; os seus desaparecimentos não indicam, pois, oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa. E, mesmo na medida em que a massa permanece indiferente diante das campanhas da sua própria imprensa, o revez é ainda revelador de um fenomeno sociológico e a ele teremos que voltar. Uma segunda crítica, que aliás completa a precedente, é que os jornais de pretos representam muito mais a opinião da classe média dos negros que a da massa; o fato é constante, não vale somente para o Brasil. Os sociólogos que cuidaram da imprensa negra dos Estados Unidos nos informam, de maneira idêntica que ela é controlada pelos negros das classe alta e média. Mas, ainda aqui, o argumento não nos convence, porque essa pequena classe média, formada por professores, advogados, jornalistas, revisores de provas tipográficas, há pouco saíu da classe baixa, conhece os desejos e as misérias dela na realidade, tomou consciência do que não é ainda muito claro ou muito sentido pelos seus irmãos de nível baixo, tornou-se o eco de toda uma classe de côr.

Podemos, pois, sem muito medo, debruçarmo-nos sobre esses pequenos jornais para neles procurar a psicologia afro-

brasileira. Grosso modo, os caracteres desses jornais não difere muito dos de outras regiões do Brasil, nem mesmo dos de outros países da América. Pudemos ter em mãos exemplares de jornais norte-americanos e uruguaio; sentem-se nelles preocupações comuns, do norte ao sul do continente. Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos; é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de côr. Os norte-americanos acharam um termo que a define muito bem: é uma imprensa adicional. Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de côr, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de côr. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto: e isso é verdade tanto na América do Sul como na América do Norte; o preconceito de côr pode tomar formas larvadas, nem por isso deixa de existir e, mesmo que não exista, o negro crê senti-lo; terá, pois, que se insurgir e o jornal lhe servirá para fazer ouvir seu protesto. Outro caracter comum a toda a imprensa afro-americana é a importância dada à vida social, às festas, aos bailes, às recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes. Sem dúvida, esse não é um dos característicos proprios da raça negra; basta lêr os pequenos jornais dos brancos do interior para se perceber que é também um dos característicos do que se poderia chamar de imprensa "provincial". Mas, é que num caso como outro, a mesma exigência sociológica se exprime: a de mostrar seu "status" social e sua honorabilidade. O facto de ser recebido em tal club, de assistir a tal recepção é um critério que o localiza na "boa sociedade" do lugar. O negro deseja também provar ao branco que tem sua honorabilidade que tem sua vida mundana, que conhece as regras da vida, em resumo, que não é um selvagem, como querem muitos. E, na imprensa de côr a importância desta secção é ainda maior porque é justamente controlada pela classe média ou classe elevada. Procurando estabelecer uma porcentagem aproximativa dos diversos tipos de artigos nos jornais de negros paulistas, encontramos para as noticias sociais de 60 a 30 por cento do número de colunas, conforme os jornais. Assim, o jornal é o signal da ascensão de tais ou tais individuos de uma classe cuja reivindicação principal é

a mobilidade social. Em compensação, ha um caracter que não se encontra no sul da America ao passo que é fundamental no norte; é o sensacionalismo, em particular para tudo que toca á criminalidade. Mas, é porque aqui estamos em presença de uma imprensa hebdomadaria ou mensal, e não cotidiana, porque o linchamento, os "riots" não existem felizmente nos paizes latinos (1).

O primeiro jornal da Capital de São Paulo de que tivemos conhecimento é o "Menelik", aparecido em 1915, "semanal mensal, noticioso, literário e critico dedicado aos homens de côr", e que tomou esse titulo em homenagem ao "grande rei da raça preta, Menelik II, falecido em 1913". A partir daí podemos dividir a historia da imprensa negra em três períodos. O que acompanha ou vem em seguida á guerra de 14, com a "Princesa do Oeste" (1915), "o Bandeirante" (1918), "O Alfinete" (1918), "A Liberdade" (1919), "Kosmos" (1922), "O Clarim de Alvorada" (1924), "A Tribuna Negra" (1928), "Quilombo" (1929), "Xauter", etc, jornais esses em que a parte social tem, em geral, uma importância consideravel, mas nos quais se insinúa cada vez mais a política de protesto racial. Sente-se que a guerra, divulgando as idéias de liberdade e igualdade, apresentando-se como o grande combate da democracia, despertou nas massas trabalhadoras de côr aspirações por melhor sorte. Ao mesmo tempo temos aí indícios dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário. Mas, São Paulo não é o unico centro da imprensa negra. Ha uma cidade que sempre desempenhou grande papel no jornalismo de côr: é Campinas. Durante esse mesmo período, Campinas (que tinha mesmo antecedido a Capital, publicando o primeiro jornal do preto paulista, "O Bandeirante," em 1911) vê nascer varios jornais: "A União" (1918), "A Protector" (1919) e sobretudo "Getulino" (1919 a 1924). Campinas terá, mais tarde ainda, o seu jornal de moços—"Escravo" (1935).

(1) Sobre a imprensa negra nos Estado Unidos, ver em particular: I. G. Fenwick: "The Afro-American Presse and Its Editors", Massachusetts, 1891; F. G. Dwyer: "Negro Press in the United State", Chicago, 1922; E. Gordon: "The American Negro Press", in "The Annals", v. CXXXX, 1928; S. Reed: "The Negro Magazine", in "Journal of Negro Education", III, 4, 1917; Gunnar Myrdal: "An American Dilemma", v. II, cap. 42. Em português: Rolf Ottley: "Negros da America", cap. 19, trad. Rio de Janeiro, 1945. Para a imprensa negra no Brasil, encontram-se indicações em diversos livros consagrados à imprensa em geral, como o de Helio Vianna para me limitar a um só exemplo.

O segundo período é o que vai de 1930 a 1937, com “O Progresso” (1931), “Promissão” (1932), “Cultura, social e esportiva” (1934), “O Clarim” (1935) e sobretudo “A Voz da Raça” (1936). É o período da formação, do desenvolvimento e do apogeu da “Frente Negra”, a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política.

Os pretos participam ativamente na formação do Estado Novo. É o que é interessante notar-se aqui é a maneira “africana” de justificar a política do governo de então. O desgosto dos homens de cor ao verem suas associações servindo de trampolim a políticos brancos, que aceitam os seus votos e depois os abandonam, se integra na crítica dos partidos democráticos: “o negro não irá mais para a revolução, não marchará mais para o campo de luta, afim de defender partidos ou políticos” (2). A reivindicação contra o estrangeiro que expulsou o preto do artesanato e subiu, ao passo que ele ficou em situação inferior, se integra no culto da brasilidade e se manifesta no projeto de lei interditando toda imigração durante vinte anos, afim de permitir que nesse lapso de tempo o preto melhore sua situação econômica pela cessação de toda concorrência (3). Nem mesmo a apologia da Ditadura deixa de tomar um acento afro-brasileiro: “Nos Palmares não se discutia o Chefe, o Zembi. Igualmente não devem os Fretenegrinos discutir o chefe da Nação” (4). É assim que a “A Voz da Raça” participava de todas as campanhas que agitavam então o país, pronunciava-se contra o separatismo brasileiro e a internacional vermelha (5); mas, nem todos os paulistas de cor a seguiam; alguns, vendo que a raça se tinha transformado em classe, pregavam a união dos brancos e dos pretos em uma luta comum contra a miséria. Desenhava-se assim uma nova corrente de tendência socialista, que mais tarde ganharia intensidade.

Nessa época, por sem dúvida, os partidários da Frente Negra se insurgem contra os que crêem que esse movimento está ligado a um novo racismo; o que a associação quer é lutar contra os preconceitos de cor e para isso criar um partido político negro. Como na América do Norte. Entretanto, é evidente que esses líderes estão obsedados pelas imagens fascistas. Criam um milícia negra, para policiar os “meetings”

(2) “A Voz da Raça”, ano I, n. 7.

(3) “A Voz da Raça”, I, 7.

(4) “A Voz da Raça”, I, 15.

(5) “A Voz da Raça”, I, 19; I, 21, etc.

raciais e “A Voz da Raça” escreve: “Hitler, na Alemanha, anda fazendo uma porção de coisas profundas. Entre elas a defesa da raça alemã” (6). O Brasil deve seguir o exemplo, mas defender a raça brasileira, não é defender a arianização do Brasil; é, ao contrario, defender a raça tal quel ela se formou pela mistura dos três sangues. “Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro? Isso mostra unicamente que a Alemanha Nova se orgulha da sua raça. Nós também, nós brasileiros, temos Raça. Não queremos sabor de arianos. Queremos o brasileiro negro e mestiço que nunca traiu nem trairá a Nação” (7). Mas, esta defesa não pode fazer-se no quadro da democracia liberal, que levanta os individuos uns contra os outros, mas, ao contrario, pela submissão de todos a um “Führer”, a um “super-homem”, a um “Moysés de ébano” (8).

Entretanto, a supressão de todos os partidos políticos pelo Estado Novo e o regime de censura á imprensa devia acabar ao mesmo tempo com a existência da Frente Negra e dos jornais de pretos. De 1937 a 1945 é o vazio. E’ preciso esperar a volta ao regime democrático para vêr surgir de novo a imprensa de côr, com “Alvorada” e “Senzala”. Agora, á apologia da ditadura é a apologia da liberdade que sucede (9) e Palmares, em vez de ser a Republica autoritaria do Zambi, é a Republica, fraternal cooperativa, liberal. Os pretos tentam sem dúvida realizar sempre o grande sonho, que foi a origem da Frente Negra: agruparam-se todos em uma associação para a conquista de uma situação melhor na sociedade brasileira. Daí os Congressos de São Paulo e de Campinas, a formação da Associação dos Negros Brasileiros; mas, o ponto de vista dos jovens da esquerda parece agora prevalecer. Contra tudo o que possa parecer um racismo de côr, eles se entendem quanto à distinção entre as reivindicações da classe proletária, na qual brancos e pretos devem trabalhar juntos, e quanto aos obstáculos que mais particularmente se oferecem aos homens de côr, que justificam a criação de grupos especiais (10).

(6) “A Vóz da Raça”, I, 29.

(7) “A Vóz da Raça”, ano I, n. 27. Para simbolizar esta raça, foi proposta a criação de uma bandeira da Frente Negra, com quatro côres: branco (o português), vermelho (o indio), preto (o africano) e verde, em forma de palmeira, simbolizando a sublevação de Palmares (III, 56).

(8) “A Vóz da Raça”, III, 59.

(9) “Alvorada”, janeiro de 1946 (“Os negros e a democracia”). “Senzala”, ano I, n. 1, p. 11, 14 e 28; “Senzala”, ano I, n. 2, p. 1 e 15.

(10) Ver as entrevistas dos líderes de côr no “O Diário da Noite”, 9-11-1945, 28-3-1945 e 12-5-1945; no “Diário de São Paulo”, 11-11-1945 e 13-11-1945; na “A Folha da Noite”, 12-11-1945 e 21-11-1945.

Vê-se que a política do negro tem variado, conforme as grandes correntes gerais da política nacional e que a imprensa tem refletido essas variações. Mas, não obstante, e é isso que nos interessa, não se tratava, na realidade, sinão de estratégia. As reivindicações permanecem sempre as mesmas através do tempo e é, pois, possível descobrir nesses jornais um certo número de representações coletivas que reaparecem incessantemente, em todas as épocas, e que, por conseguinte, definem a psicologia do afro-brasileiro. Tentaremos esboçar o quadro dessa psicologia: auto-retrato do negro por ele mesmo (11).

* * *

É evidente que a imprensa negra nasceu do sentimento de que o preto não é tratado em pé de igualdade com o branco; sua primeira tarefa será, pois, ser um órgão de protesto. Por certo, a situação brasileira é muito diferente da dos Estados Unidos; a República proclamou a igualdade de todos os brasileiros deante da lei, qualquer que seja a cor da sua pele; mas, pôde-se dizer que não existe preconceito racial?

Guardando no fundo de sua alma a lembrança amarga dos séculos de escravidão, tornado susceptível pelos sofrimentos suportados, o preto é levado a sentir numa palavra ou num gesto um tom de superioridade ou de desprezo em relação a ele. Vamos, pois, encontrar nesse jornais toda uma série de protestos contra o tratamento diferente de que é vítima. E, em primeiro lugar, desde o começo da vida, o que é mais grave porque a menor afronta se fixa então profundamente no coração e arrisca-se a marcar o ser para sempre: “um patricio negro contou-me a historia de seu filho inteligente que ia mal amparado pela escola porque a sua professora declarára em plena classe que negro com ela não aprende” (12).

O preconceito de cor é notado na vida profissional: negros dispensados de seus empregos sem nenhuma razão apa-

(11) Deveríamos assinalar também que a imprensa brasileira não faz distinções de cor e que eminentes jornalistas “da raça” como Evaristo de Moraes ou Luiz Gama escreveram nos jornais dos brancos; que brasileiros de cor como Patrocínio fundaram mesmo grandes habdomodários “A Cidade do Rio”... Mas, si os jornalistas de cor escrevem na imprensa ordinária, dirigem-se a um publico mais vasto e apresentam suas reivindicações algumas vezes sob aspecto um pouco diferente. E’, pois, melhor, para a tarefa que nos propuzemos — a de recolher e classificar representações coletivas —, que nos dirijamos de preferêcia à imprensa negra (prontos a deixa-la quando pudermos encontrar algures elementos novos, o que é raro).

(12) “A Vóz da Raça”, ano I, n. 8 e I, 6.

rente; empregadas domesticas despedidas sem pagamento e não encontrando apoio junto á Policia; frequência de formulas deste gênero nos jornais, sob a rubrica de oferecimentos de emprego: “não se aceita empregada de côr”; recusa de muitos industriais e comerciantes a tomar a seu serviço operarios negros ou vendedoras escuras... (13). Os jornais nararam historias dolorosas e tentam as vezes remediar essas situações escabrosas. Mas, como obter reparação, se o proprio Estado dá o exemplo? Bem recentemente ainda, vimos pessoas de côr protestarem contra a exclusão de seus irmãos das Escolas de Aeronautica e Naval, assim como da diplomacia (14).

Si passarmos do mundo do trabalho ao das distrações, aí encontraremos queixas análogas: escoteiros que não concordam em dar um papel a um negrinho em uma peça que montaram; clubes como o clube do Jardim America ou da Penha que “não admitem nem negro branco”; sociedade de beneficencia de Campinas, inscrevendo em seus estatutos que não aceita membros de côr. Um grêmio da mesma fabrica organiza uma festa. Vende os convites. Os negros tambem, operarios da mesma fabrica, compram esses ingressos, porém, no momento de usufruir os seus direitos, são barrados pelos seus camaradas brancos... Quem foi que disse que o preconceito de côr é uma simples luta de classe?” (15)

Nos Estados Unidos, a imprensa negra insiste muito na diferença de tratamento entre o branco e o negro no domínio da criminalidade. Encontram-se no Brasil alguns protestos do mesmo genero: “S. A. (Sorocaba) foi preso por ter dado uns golpes de faca no sírio A. M.. O jornal “Cruzeiro do Sul” não contou bem o caso. S. A. depois de ter feito um carroto para Moisés não recebeu o pagamento e foi chamado de ladrão pelo sírio. Em defesa propria S. feriu-o e foi a Policia relatar o caso. No processo todas as testemunhas carregaram contra o pobre preto”. “Foi ao juri o caso de S. A.. Deu-se o que se podia esperar — o preto foi condenado a dois anos de prisão... Cumpre salientar que a acusação primou por insultar o elemento negro em vez de analisar as peças

(13) “A Vóz da Raça”, ano I, n. 16; I, 27; I, 29. “Getulino”, I, 7; I, 8; I, 20; II, 53. Para o trabalhador velho e o pagamento da sua aposentadoria ver “A Vóz da Raça”, I, 17.

(14) “A Noite”, 8-11-1945.

(15) “A Vóz da Raça”, I, 8; I, 12. “Getulino”, I, 23; “Alvorada”, junho de 1946, p. 4.

do processo. A colonia síria foi elevada até as nuvens” (16). Outro caso é dos agentes da Polícia Secreta que detêm sem razão quatro negros que vinham de enterrar um dos seus velhos camaradas no cemitério do Araçá; os pobres pretos estão sempre na prisão (17). Eis uma última história:

Em um bar discutiam um preto, apelidado Pretinho, um turco, um oficial de justiça e um padeiro sobre a linha de côr nos Estados Unidos. Durante a discussão Pretinho, exaltando-se, chama o turco de “burro”. Este dispara-lhe traiçoeiramente dois tiros de revolver nas costas e depois “encaminha-se, pacatamente, para o Hotel onde é hóspede, janta e embarca no último trem para a Capital, não havendo prisão em flagrante. Perguntamos nós aos poderes competentes atacados de insonia: e a policia? E o oficial de justiça que tomou parte na festa? Não houve providência nenhuma porque o crucificado era o negro?” (18)

Si os casos de polícia são os que impressionam mais o espírito pela sua dramaticidade propria, não ha domínio em que o preconceito não se revela, si acreditarmos na nossa imprensa. Até no domínio da polícia, que se recusa a fazer do 13 de Maio uma festa nacional e quer fazer esquecer que o branco outrora mantinha o preto em escravidão (19). Até no domínio da arte: um jornal não protestara porque um grupo de negros partiu para o estrangeiro para lá dansar o côco; deviam ao menos ter escolhido mulatos claros (20). Mesmo a religião não estaria indene desse mal: em todas as procissões são as confrarias de côr que abrem a marcha á moda de “mamãe oi é eu!” (21)

Todavia o preconceito nem sempre toma fórmula assim evidente. Antes, de tal maneira passou a estado de hábito

(16) “A Vóz da Raça”, I, 29 e I, 33.

(17) “Bandeirante”, ano II, n. 4.

(18) “A Vóz da Raça”, II, 44. Cf. esta afirmação mais geral: “os jornais dão muito importância aos crimes cometidos pelo preto, afim de prejudicar a raça. Sempre as pequenas cousas são apresentadas como graves. Certamente, por legítima defesa, o preto pôde ser obrigado a cometer um crime, mas imediatamente ele é apresentado como qualquer cousa de horrivel. Por exemplo, um pobre negro pede uma esmola, é esbofeteado, ele reage; é levado preso ao passo que o agressor fica em liberdade”. (A Liberdade, I, 4).

(19) “A Vóz da Raça”, III, 45. Durante as discussões da Camara dos Deputados, os pretos algumas vezes lançaram os seus protestos contra certas palavras empregadas pelos oradores e consideradas como “injuriosas” para a raça. Cf. “Elite”, I, 2; “A Vóz da Raça”, II, 42; “Getulino”, I, 23 e I, 25..

(20) “Progresso”, IV, 37.

(21) “Getullno”, I, 2.

que não mais é muito notável. Mas, o preto sente-o tanto mais asperamente e o maior numero de protestos giram justamente sobre essas fórmulas larvadas ou usuais: frases pronunciadas sem levar em conta o que comportam de doloroso para aquele que as escuta: "Si o J. M. quizesse casar com você, você casava, mesmo sendo ele preto?" Modo de falar: "moço é um rapaz branco e rapaz são os moços da nossa raça" (22). Mais ainda, esse jornais reparam na segregação que se faz até nas menores cidadezinhas do interior, onde nos passeios, uma rua frequentada pelos pretos é pouco a pouco abandonada pelos brancos e enquanto, no jardim publico, os brancos dão voltas na calçada, os pretos devem ficar em outra parte, mais baixa ou mais obscura (23). Algumas críticas dos brancos doem extremamente ás pessoas de côr. E' assim que, tendo em Campinas havido uma festa, na qual foi coroada uma rainha de beleza "da raça", um jornalzinho local, querendo fazer espírito, falou de um "certo cheirinho" no baile. Nada poderia ferir mais, fazendo ressurgir das profundezas do passado as injúrias dos antigos senhores (24).

Esses fatos (citamos quase todos os que encontramos) são suficientes para que se possa afirmar a existência de um preconceito de côr, sinão de raça? Não são fatos esporádicos que não se tenha o direito de generalizar; o leitor que julgue. O sociólogo não poderia afirmá-lo senão com o auxílio de outros processos: o inquerito e estabelecimento de uma escala, como se fez na America do Norte. Em São Paulo só existem algumas sondagens nesse sentido (25).

Mas, o que é fato é que o preto, com razão ou sem ela, sente que sua ascensão na escala social é perturbada pela existencia de tal preconceito. Portanto, como representação coletiva do negro, o preconceito inegavelmente existe e é isso o que nos importa.

"O preconceito de côr no Brasil, só nós os negros o podemos sentir". "E' preciso um impulso forte de maldade e de inconsciência para afirmar que, no convívio social, o negro gosa das mesmas prerrogativas e regalias que o branco". "O texto de nossas leis fundamentais expressa o sentimento de

(22) "A Vóz da Raça", I, 32. "Getulino", I, 22.

(23) "Getulino", I, 1; I, 33; II, 55. (Ha cidades onde uma preta não pode ser Filha de Maria e uma negrinha não pode sair de anjo na procição.)

(24) "Getulino" I, 15.

(25) Emílio Willems e Romano Barreto: "Inquerito sobre a posição social do negro em tres municipios paulistas" in "Sociologia", II, 1.

fraternidade humana, mas é certo que o mal que nos aflige tem escapado á ação das leis porque vive e oculta-se no seio da sociedade” (26). Afirmações desse genero repetem-se como um “leitmotiv”, monótono, á força de repetido nos mais diversos jornais em todos os artigos de fundo; e é nesta base que repousa o apêlo á união, a predicação da solidariedade racial. O 13 de Maio libertou juridicamente o escravo, mas deixou em tal abandono que urge nova libertação. Basta ver o preto nas suas favelas ou nos seus cortiços, vestido de trapos, analfabeto, doente, para se perceber que ele está situado no mais baixo degráu da escala social (27). Em Juquerí, parece que ele ainda vive sob o regime da escravidão: “só tem direito a morar nas matas, teme falar a quem quer que seja. Até morfético tem direito a empregado preto gratuitamente” (28). Quem ousa, pois, dizer que o preto brasileiro, que se contenta com pouco, ri e canta, é um ser perfeitamente feliz? “Todos sabemos, porém, dentro do país, não ser exata a afirmação. O clima foi criado em virtude da conhecida passividade da raça e se destina a obter *boa e favorável referênci*a, a fazer *bonita e elogiavel figura*. E’ um clima só para *inglês ver*, porque na verdade o negro é *marginado* e constitue a coletividade mais sacrificada, mais insatisfeita de quantas cooperam no progresso patrio” (29). “O negro atualmente está mais deprimido que o negro escravo”. No fundo, o que o 13 de Maio destruiu foi a escravidão imposta, mas substituiu-a pela servidão voluntária, que não é senão uma forma hipócrita do servilismo primitivo (30): “quando o negro se emancipou a 13 de Maio de 1888, o negro viu que a sua miséria era maior ainda; a terra já estava dividida e em poder dos brancos. Que podia ser ele senão o assalariado, o trabalhador a jornal, o agregado, com direito apenas á terça? Se a raça negra não tende a desaparecer, no nosso país, isso se deve apenas á sua excepcional capacidade de adaptação, de sobrevivência, mesmo nas mais desfavoráveis condições, e a sua espantosa proliferação” (31).

Esse quadro, dir-se-á, por mais justo que seja, não constitue prova de um preconceito de côr e pode ser explicado por outras razões. Mas de fato, nos artigos da sua imprensa, a

(26) “A Vóz da Raça”, I, 9 e I, 33.

(27) “A Vóz da Raça”, I, 26; II, 37. “Diario de São Paulo”, 11-11-45.

(28) “A Vóz da Raça”, II, 41.

(29) “Alvorada”, set. 1945, p. 1.

(30) “Alfinete”, I, 2.

(31) “Senzala”, n. 2, p. 19.

situação miserável da raça está sempre indissoluvelmente unida à côr da pele: “Há sempre dificuldades para um negro: quando nasce uma criança, o pai não tem dinheiro para pagar o registro civil; quando morre um negro, os filhos não tem dinheiro para um carro fúnebre. Tudo isso por causa da côr”. (32) Para nós, resume-se nisto o problema: como e porque a situação social do preto no conjunto da coletividade, no nível mais baixo, é considerado como um testemunho de um preconceito de côr?

É que, como os positivistas, aliás, viram muito bem, a emancipação foi feita sem um trabalho prévio de educação moral e de alfabetisação. O brasileiro, fechado no seu juridicismo, fruto de uma educação intelectual que apenas conhecia as Faculdades de Direito, julgava ter feito suficientemente para o preto quebrando-lhes as correntes. Não tentou transformar o antigo servidor de sua casa ou o trabalhador de sua fazenda em um sêr livre no sentido verdadeiro do termo, que é filosófico e não simplesmente jurídico. No fundo, não agia ele para si só? O que o movia não era uma especie de remorso, não o bem de uma raça sofredora, a piedade por *seus irmãos*. Tirava uma mancha da bandeira do Brasil, não se incomodando com a condição dos pretos por amizade por eles. “Uma vez assinada a lei, esqueceram-se de que estavam na obrigação de facilitar á gente negra os meios de se educarem. Por falta disso é que a Abolição não passou do papel, continuando os negros por mais de 40 anos em situação igual ou peor que a anterior a 1888” (33). Sem nenhuma defesa, sem amparo, o homem de côr não podia ser, de pai a filho, se não estivador, pedreiro, vendedor de jornais, operario de officios modestos e quando muito carteiro de correio ou servente; e sua mulher, lavadeira, copeira, cozinheira, arrumadeira... (34)

Sòmente negligência do branco em cumprir os seus deveres? Falta de compreensão? Não. Havia sob este abandono alguma coisa de mais grave que se dissimulava, o preconceito de côr, herança da escravidão. Não podia o branco habituar-se à idéia de considerar sua propriedade perdida como um concidadão em pé de igualdade. Conservava sua antiga mentalidade de senhor. O branco tem sempre o sentimento de sua propria superioridade e é por isso que se ar-

(32) “A Vóz da Raça”, I, 14.

(33) “A Vóz da Raça”, I, 28.

(34) Artigo de Humberto de Campos, citado pela “A Vóz da Raça”, I, 26.

roga o direito de subjugar, de mandar; os cientistas em vão lhe mostram que não ha raças superiores, mas sòmente “raças adeantadas e raças atrasadas”; ele se insurge no fundo contra a idéia de igualdade, de uma igualdade entre ele, o antigo senhor e o outro que foi seu escravo. (35) Si juntarmos a isso a chegada de numerosos imigrantes ao Estado de São Paulo, imbuidos da superioridade da raça ariana e que para vencer precisavam desalojar os pretos de situações adquiridas (36), compreender-se-á porque se póde afirmar que a miseria atual do negro é devida a um preconceito. Este preconceito, encontra-lo-emos aliás na conversação dos brancos: quando vêem a miseria das pessoas de côr, atribuem-na a que? A vícios da raça: o negro, dizem eles, é preguiçoso, bêbado, sem moralidade; atribuem a falta, por conseguinte, não a um fato sociológico, a semi-libertação, mas a um fato étnico, a incapacidade congenita do preto em se elevar na sociedade e nela se integrar. Mas, não é sòmente nas palavras que o branco manifesta assim seu desprêso pelo preto, é na sua propria maneira de agir; os brancos correm atrás das negrinhas e mulatinhas porque imaginam “a priori” que são presas faceis, sêres de pura sexualidade. Aqui também a herança da escravidão não está morta (37).

Nem mesmo a bondade do brasileiro deixa de ser um argumento em favor da existência de um preconceito. O branco tem em relação aos seus empregados de côr sentimentos afetuozos, mas, com a condição de que permaneçam empregados. O paternalismo adormece as resistências e as revoltas, é um instrumento prático para melhor reduzir o negro a uma condição de servidão, considerada como sua única situação possível: “O negro gosta de ter um compadre de posição social. Porque? Para ter quem o livre da cadeia quando fizer um “sururu” na venda da esquina. Em tróca a mulher do preto fica na casa do compadre, cozinhando e lavando roupa” (38). Em trágico confronto entre o preto dos Estados Unidos, com sua elite, suas universidades, sua classe de côr rica e prospera — e o preto brasileiro, Horacio da Cunha escreve: nós não linchamos os negros, mas os abandonamos á ignorância, á promiscuidade, á cachaça, á sífilis: “Qual é

(35) “A Vóz da Raça”, I, 21.

(36) “Getulino”, II, 55 (artigo de Benedito Florencio).

(37) “Getulino”, I, 33. Cf. “A Vóz da Raça”, I, 33. “Não devemos permitir que brancos safados abram salões nesta capital, visando “jogar as nossas irmãzinhas na lama e a raça na imoralidade”.

(38) “Getulino”, I, 19.

o preferível? O sentimentalismo brasileiro ou a brutalidade americana? O nosso sentimentalismo não é homicida? Daqui a trinta ou cinquenta anos a raça negra está extinta no Brasil graças ao nosso sentimentalismo. Os americanos lincham cinquenta negros por ano. Nós matamos a raça inteira no Brasil” (39).

Assim, seja sob a forma do abandono por desprezo ou da piedade superior, o preconceito existe e si o preto está sempre na pior das miserias, intelectual, econômica e sanitária, é porque ele é o eterno “enganado” (40). Sem dúvida, este problema da miséria é mais vasto que o do preto, porque há também brancos miseráveis; mas o preto tem consciência de que para ele acresce um suplemento de pena; o branco pôde mais facilmente se elevar, mais facilmente melhorar sua situação; para o homem de côr, ao contrario, os obstáculos a vencer se multiplicam; a professora se interessa pouco pelo menino de côr, o patrão prefere operário de sua raça; para onde quer que se dirija, o preto encontra um preconceito desfavorável a ele, ao seu ardor no trabalho ou á sua propria moralidade. Assim, dentro do problema proletario, há um problema particular, sinal de um preconceito; falta-lhe, para vencer, a atração da côr de que gozam os brancos, mesmo pobres (41). “Precisa desmanchar o falso pressuposto de que o negro não tem *casos seus* dentro dos problemas e casos humanos de toda a comunidade brasílica... uma vez que o negro ficou despreparado para as competições do homem livre” por causa das “circuntâncias *carregadamente* desfavoráveis... circunstâncias essas da pigmentação” (42).

Lembramo-nos do celebre artigo de Mario de Andrade sobre o preconceito de côr; o grande escritor mostrava todo o jogo, sob as sobrevivências folclóricas que atribuem ás côres um valor simbólico e ao preto em particular um caracter diabólico. Sem que o percebamos, esse simbólico agiria no nosso inconsciente. É interessante notar que os paulistas de côr chegaram a conclusões análogas, por sua propria conta: “É verdade que a nossa lingua permíte a indicação de um caso bárbaro empregado varios termos quais sejam: *atirados na negridão da vida*, um crime *negro*, ou uma ação *negra*. Tudo isso contribúe para que idiotas façam idéia de que o homem negro é sinônimo de coisa ruim, chegando até ao ponto

(39) “Clarim d’Alvorada”, 2.ª fase, VI, 20.

(40) “Quilombo”, I, 2.

(41) “Alvorada”, março de 1946, p. 1. “A Vóz da Raça”, I, 32.

(42) “Alvorada”, setembro de 1945, p. 4.

de trocar a côr ou dar côr á alma do indivíduo” (43). Ha aí um efeito das leis da associação de idéias finamente analisado e que nos mostra quanto o sofrimento do homem de côr deve ter sido profundo para leva-lo a tais descobertas introspectivas.

* * *

Assim esmagado e empurrado para traz pela concorrência do branco, o preconceito desenvolve no negro um complexo de inferioridade, complexo que reagindo por sua vez sôbre o que o provocou, torna-se um novo obstáculo para a ascensão social.

Esse complexo, vemo-lo em jogo primeiramente nos anúncios ou reclames que acompanham os jornais, e que traduzem certa ambivalência do negro em ralação ao branco. “A Voz da Raça” denuncia o desejo de se parecer o preto com o branco e de renegar assim sua origem, em vez de se orgulhar dela: “Não se pôde negar que em muitos pontos, o negro, nos Estados Unidos, alcançou um grande nível de civilização. Contudo, em certos pontos, não podemos deixar de fazer-lhe uma crítica. E’ o caso da moda atual de branquificação da pele e alizamento do cabelo. . . Os jornais da America chegam a dedicar páginas inteiras com ilustrações sugestivas sobre a matéria. Mas, que resultado ha nessa metamorfose? Esse creme vem dar aos brancos a idéia de que todo nosso esforço ascensional é baseado simplesmente, no ridículo desgosto de termos a pele negra. . . Notável é que, enquanto o Branco recorre á canícula das praias, e mesmo a processos químicos, para adquirir uma tez amorenada, o negro americano lança mão de um creme o qual segundo a propaganda, dá mais *personalidade*” (44). Entretanto, esse mesmo jornal está repleto de anúncios de cabeleiros do gênero que o artigo denunciava: “Cabelos crespos! . . . Tem quem os quer. Salão Cabelizador. Aliza-se qualquer cabelo crespo sem dôr. Preços de conformidade com a crise”. “Convidam-se todas as moças de cabelos crespos a virem aliza-los” . . . (45). Esse genero de reclame é encontrado naturalmente em outros jornais, como “O

(43) “A Vóz da Raça”, III, 60; artigo de F. Lucrecio. Contra esta associação de idéias, o jornal faz uma campanha, por exemplo: “Cavalo preto é cavalo, pavão preto é pavão, galo preto é galo mesmo, e só homem preto é que não o consideram como homem, mas como preto só”. Ano III, 56; artigo de Vicente Ferreira.

(44) “A Vóz da Raça”, III, 64.

(45) “A Vóz da Raça”, I, 4; I, 15; I, 27; I, 31, etc.

Clarim”, para me limitar a esse exemplo: “Oh! Você ainda não alisou seus cabelos? Pois, não conhece o Ch... E seus cabelos ficarão perfeitamente lisos, podendo até mesmo serem lavados, sem voltar ao estado anterior” (46).

Essa renegação à raça tornamos a encontrá-la no repêndio às antigas tradições (assunto a que teremos de voltar substituídas pela imitação dos hábitos dos brancos: as danças de salão, a coroação de um rainha de beleza, os convívios etc. Procurar-se-á, compreenda-se, o que é mais aristocrático, mais “chic”, mais caracteristicamente ariano; por exemplo, constitui-se uma sociedade de tennis. (47). Dir-se-que o preto aceita a *priori* a superioridade do branco e que se esforça por imitá-lo em tudo, buscando esquecer sua ancestralidade. Vai mesmo até a aceitar o conceito que o branco faz dele, homem de cor; o juízo desfavorável que pôde fazer sobre sua cor e sobre sua moralidade: acreditará mais num branco que num dos seus correligionários — e isso unicamente porque ele é branco e seu correligionário não o é. “Palavra de branco é palavra de Evangelho, palavra de preto bobagem” (48). Esta submissão aos padrões nacionais, para empregar a expressão dos sociólogos norte-americanos, é perfeitamente sintomática de um sentimento de inferioridade que rói o negro. É verdade que, quando vê que nada vale esse servilismo, revolta-se e é por isso que dissemos que há uma ambivalência nas representações que o preto faz da sua própria cor: dissimula-a e exalta-a ao mesmo tempo. Assim, por ocasião das festas do Natal e do Ano Novo, reclamam que se ofereçam às suas crianças não bonecas louras de olhos azuis e faces rosadas, mas sim a boneca preta, de cabelos e carapinhados, o único brinquedo admissível para as crianças de cor (49). Mas, esse apelo é ouvido? E não é uma reação contra o que continua a ser o sentimento profundo de uma raça, a aceitação da superioridade dos valores dos brancos?

O complexo de inferioridade, encontramos-lo ainda na oposição do mulato ao preto. O mulato claro não gosta, em geral, de participar de associações que, a seu ver o rebaixariam a uma raça que quer ignorar. Considera-se parte integrante do grupo dos brancos. Temos aqui uma atitude muito diferente da que ocorre nos Estados Unidos. Na Am

(46) No n. 1, ano I, do “Clarim da Alvorada”, tres reclames de “especialistas em cabelos de pessoas de cor”.

(47) “A Vóz da Raça”, I, 6.

(48) “A Vóz da Raça”, I, 13.

(49) “Senzala”, n. 2, p. 21.

rica do Norte, existem mulatos tão claros que podem passar “a linha de côr”, sobretudo nas grandes cidades do Norte, onde não são conhecidos e parece que todo ano um número assaz considerável desses homens passam assim. Mas essa passagem é determinada principalmente por motivos economicos, dada a maior facilidade de encontrar emprego, e quando esses mulatos ganham um pouco de dinheiro, voltam, no fim da vida, para o grupo negro onde tem toda a amizade e solidariedade que não tem alhures. Em resumo, a passagem é quase sempre voluntaria e temporária (50). Ao contrário no Brasil os líderes da raça negra queixam-se a meúdo da falta de solidariedade dos mulatos para com seus irmãos de côr mais carregada: Benedito Florenço conta que ha vinte anos existia em Campinas uma sociedade dansante de mulatos que excluia do seu seio os pretos, mas aceitava brancos (51). Outro encarregado de passar bilhete para uma festa em benefício, entra em um estabelecimento mantido por um mulato e lhe oferece um bilhete: “O mulato, sem comentários, respondeu-me secamente: Não sou de côr” (52).

Esta atitude propõe, forçosamente, aos líderes da raça negra o problema da mistura dos sangues. Aqui tambem ha uma certa ambivalência ou pelo menos uma hesitação. De um lado, protesta-se contra a política do “embranquecimento” da raça brasileira, de sua arianisação, porque ela se faz pelo apelo aos estrangeiros e pelo abandono da gente de côr que se espera ver desaparecer graças á sua alta mortalidade (53). Recomenda-se mesmo aos pretos que não cortejem as brancas, mesmo que elas consintam: só terão aborrecimentos (54). Tende-se, pois, a agrupar as pessoas de uma mesma côr, a segrega-las, a separa-las em associações de dansa, de assistência, de cultura. “Decaiu miseravelmente a situação social e econômica dos negros patricios... Desfalcados de valores afirmativamente negros pelo branqueamento das epidermes dos antigos valores negros abastados, fugidos á grei da gente negra *pela mestiçagem* e pelo preconceito (pois, geralmente o maior inimigo do negro é o branco neto de pretos!!!), o povo negro ficou sem chefes naturais tendo por cima um governo anti-racista, preocupado com a dita *arianização* geral da Na-

(50) Ver, por exemplo: Clair Drake e Horace R. Cayton: “Black Metropolis”, New York, 1945; Warner, Junker e Adams: “Color and Human Nature”, Cap. 4.

(51) “Getulino”, II, 59.

(52) “A Vóz da Raça” I, 33.

(53) “A Vóz da Raça”, III, 52.

(54) “A Vóz da Raça” II, 41.

ção brasileira do passado” (55). Mas, doutro lado, considera-se que o movimento de amalgamação das três raças constitui a originalidade da solução brasileira do problema racial; Brasil marcha para uma unificação étnica que se faz pela mistura dos sangues e o sangue negro se dilúe assim cada vez mais nas veias da Nação (56). É por isso que o jornal “Getulino” faz uma violenta campanha contra o projeto, que tinha sido sugerido, de se abrir o Brasil á imigração do prelo americano: isso só poderia reforçar o preconceito de cor pela chegada de uma massa revoltada e reivindicadora; sobretudo, uma nova vinda de pessoas escuras retardaria o movimento em que, pela inter-sexualidade, não mais haja no país senão uma só raça, um só povo (57).

A xenofobia de alguns jornais reflete também o complexo de inferioridade. Esta xenofobia não é partilhada por todos. O “Alfinete” e o “Getulino” reconhecem, ao contrário, as qualidades do imigrante; dão-no como exemplo aos seus correligionários; si o estrangeiro melhora sua situação, sobe e enriquece, o preto pode fazer o mesmo: só tem que agir com ele. Em vez de despender tudo em festas, economiza para comprar uma casa; em vez de gastar mais dinheiro com roupas do que com a casa, aprender com o imigrante a fazer um orçamento mais racional, no qual a habitação tem um lugar maior, o que diminuirá a mortalidade da raça (58). Mas, outros jornais, como “A Voz da Raça” são ferozmente xenófobos: o que nos interessa nesta xenofobia não é a violência dos termos (“ladrões de nosso trabalho”, pessoas que “cospem no prato em que comem”) (59), mas as razões invocadas contra a imigração; na concorrência vital para a elevação de condição social, o preto sente-se de antemão vencido. “Antigamente, antes das grandes imigrações que vieram *arianizar* o Brasil por iniciativa dos ilustres estadistas da estúpidez, o comércio do país estava nas mãos ou de portugueses nacionalistas ou seus filhos, e de negros livres. . . Isso passou. Hoje, o que se vê são as inscrições alemãs, italianas, e agora japonesas. . . O negro foi banido do comércio. Hoje fico

(55) “A Vóz da Raça” III, 52 (artigo de Arlindo V. dos Santos) Cf. ainda “A Vóz da Raça” I, 18: “Um jornal europeu trouxe esta notícia: um preto tomou uma herba como remédio e começou a notar que sua pele ficou ficando branca. O sucesso foi uma esperança para muitos negros que desejam ser brancos. Mas, nós não queremos ser negros brancos”.

(56) “A Vóz da Raça” II, 38-41 (Discurso de Silvério de Lima). “Getulino” I, 11 e I, 46.

(57) “Getulino” I, 11.

(58) “Alfinete” I, 2. “Getulino”, I, 5.

(59) “A Vóz da Raça”, II, 36 e II, 44.

sòmente nos misteres pesados de produtor ou assalariado ganhando misérias, pois até o que ele fazia como mestre de ofícios se foi evanescendo. Desapareceram as antigas alfaiatarias, sapatarias, ourivesarias e até aquilo em que a gente africana foi mestra no Brasil: as oficinas dos trabalhos de ferro” (60). Sociológicamente o fato é exáto, como é exáto o fato sublinhado em muitos artigos de que foi o negro que, agricolamente, fez a riqueza do Brasil antigo e não o imigrante (61). Mas, póde-se dar duas explicações: ou o preto é vencido porque é, congenitamente ou culturalmente, bem menos armado para a luta — ou, na verdade, porque os brancos se sustentam entre si e favorecem o estrangeiro, em detrimento do nacional de côr. E’ esta segunda opinião que os líderes negros aceitam e como prova apontam o fato de ter o governo feito leis em favor dos imigrantes, não em favor do preto (62), de abrir as repartições públicas ao estrangeiro e não ao brasileiro de côr (63). Ora, é bem esse um dos característicos do complexo de inferioridade: fazer a falta recair sobre outro, acusar a sorte em vez de se acusar a si mesmo. Ainda aqui, a atitude não é generalizada: outros líderes conclamam o preto à luta contra o branco de fóra, trabalhando como este, e mostrando que é capaz de competição vitoriosa. Mas esses líderes são obrigados a reconhecer que nessa luta, o preto parte com uma tara, que é justamente o sentimento de inferioridade, é o medo, a falta de coragem: “As repartições públicas estão cheias de estrangeiros intrusos, em parte devido ao modo injusto de julgar de nosso governo, em parte á timidez, ao medo sistemático do negro. O negro espia e recúa; o estrangeiro entra sem a menor sem-cerimonia, aboleta-se, senta-se, insiste, aborrece, até que o admitam” (64). Este mesmo medo que faz o brasileiro de côr ir se divertir nos seus próprios bailes, que o leva a se separar dos grupos de brancos nos passeios publicos, de medo de um gracejo ou de uma rixa, em que a policia não lhe daria razão (65), torna-o o eterno vencido na concorrência vital.

X X X

-
- (60) “A Vóz da Raça”, III, 56 (Artigo de A. Velga dos Santos: Os negros e o comércio).
(61) “A Vóz da Raça”, I, 26.
(62) “A Vóz da Raça”, I, 31; II, 44.
(63) “A Voz da Raça”, I, 15; II, 42.
(64) “A Vóz da Raça”, II, 36 (artigo de José Bueno Feliciano: “Indiscreções e cavaqueações”).
(65) “Getulino” dá essa explicação para a repartição ecológica das raças em Campinas, I, 3.

Portanto, o papel da imprensa de côr seria, antes mais nada, o de dar ao preto confiança em si mesmo, o fazer desaparecer esse sentimento que lhe é tão prejudicial e para isso, não ha senão um meio — valorizar tudo o que é negro.

Daí a importância dos artigos históricos e das biografias dos grandes homens. Daí também a existencia, nesta imprensa, de uma secção literária, que não tem por fim distrair o leitor, mas sim mostrar-lhe, por meio de poemas e contos a inteligência do negro brasileiro. Daí, enfim, a abundância dessas crônicas sobre a atividade de diversas associações de gente de côr, desde as associações de simples divertimento até os clubes atléticos, crônicas capazes de fazer nascer no espirito do leitor um clima de optimismo para as possibilidades futuras da raça. Assim, a ligação entre os artigos de ordem cultural e a luta contra o complexo de inferioridade é inegavel. O próprio texto dos artigos não deixa nenhuma dúvida a respeito. Não se trata de ciência, trata-se de um trabalho de educação: “Ha três e meio séculos fomos arrastados do habitat africano e transportados para o Brasil. Devastamos as florestas virgens... preparamos a terra e a entregamos para outros... pelejamos nos fortins de Arraial do Recife, nas campinas de Taborda, nos montes de Guararapes para a expulsão do estrangeiro. Ha dois e meio séculos fomos um exemplo de disciplina e ordem com o nosso primeiro reduto defensivo — Palmares... Formamos a vanguarda da guerra do Paraguai... Vemos o negro-escravo, o negro-soldado, o negro-doutor, o negro-artista, o negro-sabio impondo-se, distinguindo-se pela bravura, inteligência, patriotismo, persistência, abnegação. E porque ainda não atingimos o lugar que nos compete? E' porque nos falta a confiança em nossas forças. O negro de hoje tem tudo, mas tudo lhe falta, porque lhe escasseia a confiança nas suas possibilidades. Uma reação” (66). Esta reação será a série de artigos consagrados a glorificação dos valores negros.

Esses artigos apresentam, através dos mais diversos jornais um certo número de caracteres comuns. Primeiramente constituem como uma espécie de livro de imagens, de imagens “d'Epinal”, populares e fortemente coloridas, ingenuas e estandardizadas. Luiz Gama e Patrocínio, Henrique D

(66) “A Vóz da Raça”, I, 33. Cf. também I, 14; I, 21; I, 37; “Getulino”, I

e Cruz e Souza, os lutadores e os heróis, os santos e os artistas, as estrelas de cinema e os boxeadores invictos: é um desfile de todos os grandes homens de que se orgulha a raça, e que recomeça todos os anos (67). Porque — e esse é o primeiro carácter desses artigos culturais — eles se dispõem em fórmula de calendário; são determinados por essa metodologia brasileira dos “sociais”, que são cheias de aniversários e em que não se esquece jamais de lembrar o dia de nascimento dos administradores do jornal, da mulher ou dos filhos dos líderes. Assim, os artigos biográficos aparecem em data fixa, por ocasião dos aniversários de nascimento ou de morte desses heróis, ou a propósito dos grandes datas nacionais, como Palmares ou a Abolição. Cria-se assim o que nos permitirão talvez chamar de duração afro-brasileira medida por uma série de comemorações, um tempo histórico que se integra sem duvida na cronologia nacional, mas que, mesmo assim, tem sua própria temporalidade, como uma corrente que vai através de um rio maior, sem que suas águas se misturem às outras. Duração que não é somente histórica, mas afetiva, sentimental, com suas evocações de sofrimento, suas paginas de esperança, seus momentos de colera e de admiração. O eterno romance de gestos da raça.

É porisso também que essas biografias ou essas paginas de histórias não procuram a verdade objetiva. Ao contrário, elevam-se para o mito. Cria-se uma legenda, porque somente a legenda tem um valor dinâmico de ação. Não se tratará de restabelecer a exatidão dos fatos, quando a exatidão é perigosa para a valorização do passado e quando se corre o risco de destruir uma linda imagem; não se mostrará, por exemplo, em Henrique Dias um soldado que não foi levado pelo patriotismo, mas pelo amor ao dinheiro, pronto a traír os portugueses si a ocasião se apresentasse (68). O que se faz, ao contrário, é vulgarizar a imagem da escola primária,

-
- (67) Lulz Gama: “Getulino”, I, 10; II, 50; “Progresso”, III, 36; “A Liberdade”, I, 2; “Alvorada”, março e agosto de 1946, etc. Patrocínio: “Getulino”, I, 37; II, 64; “A Vóz da Raça”, I, 33; “Alvorada”, janeiro de 1946 e sobre o filho de Patrocínio: “Clarim d’Alvorada”, VI, 20. Henrique Dias: “A Voz da Raça”, I, 9. Outros heróis: “Progresso” IV, 37. Cruz e Souza: “Getulino”, I, 14; I, 36; II, 66; “Alvorada”, novembro de 1945. Estrelas de cinema: “Senzala”, I, 20; ou do teatro: “Alvorada”, dezembro de 1945; “Senzala”, n. 1, p. 26; n. 2, p. 15; ou da música: “Alvorada”, setembro de 1945. Os esportistas de côr: “Progresso” IV, 36; “Senzala”, n. 2, p. 25-29; “A Vóz da Raça”, I, 21. Um numero especial de “Getulino”, II, 64, é consagrada á glorificação desses valores negros.
- (68) Vêr os documentos inéditos citados por J. H. Rodrigues e J. Ribeiro: “Civilização Holandêsa no Brasil”, São Paulo, 1940.

comovente si bem que anacrônica, a das três raças confundindo-se no mesmo amor pela terra contra o invasor holandês. E é porque essas imagens históricas são imagens míticas, que cada personagem é reduzido a uma só virtude; não se tenta revelar a complexidade do sêr, mas simplifica-lo; faz-se um indivíduo antes de tudo o símbolo, um da bondade ou do sacrificio (o escravo Domingos Vieira), outro do heroísmo ou da gloria guerreira (Henrique Dias), outro ainda da inteligência (Juliano Moreira), outro enfim da capacidade artística do negro (Cruz e Souza) (69). Do mesmo modo os acontecimentos históricos se transformam também em símbolos míticos — Palmares da liberdade, a Abolição da igualdade (70) — em idéias-forças que despertarão no preto de hoje a vontade de ser digno de tais fatos ou de tais avós.

Nessas imagens “d’Epinal”, o branco póde ter lugar, pela sua amizade para com os pretos, como a princeza Isabel, mas sobretudo por seus juizos favoráveis á raça: de Buffon a Artur Ramos, todos os testemunhos são cuidadosamente anotados, vulgarizados, comentados (71). Não ha raças superiores ou raças inferiores, ha raças avançadas e raças atrasadas no seu desenvolvimento, tal é a conclusão da ciência moderna. E a lição que se tira é que o afro-brasileiro deve “evcluir”. Assim a ciência se transforma em moral, como a história e a literatura se transformavam em mitologia.

Notar-se-á igualmente que essa valorização do preto não vai até a Africa. No entanto, a Africa tambem apresenta um quadro animador, com os seus baixos-relevos do Dahomey, seus desenhos dos Boschimanos, suas máscaras que renovaram a estética moderna, e seus remanescentes de civilizações antigas. Dir-se-ia que esses jornalistas têm medo de lembrar sua origem, de evocar uma Africa, bárbara em seus pensamentos, um país que é imagnado quase como um país de selvagens. E isso a tal ponto que os negros do Brasil se erguem contra as idéias de Garvey, as de volta á Africa; querem permanecer brasileiros, e é preciso sub-entender: membros de uma nação civilizada (72). Numa palavra, a valorização

(69) (69) Domingos Vieira: “Getulino”, I, 4. Juliano Moreira: “A Vóz da Raça”. Rebouças. “Getulino”, I, 46.

(70) Palmares: “Getulino”, II, 58; A Vóz da Raça”, I, 10; I, 21; I, 26. Sobre os quilombos: “Quilombo”, I, 2. Treze de maio: “Getulino”, I, 41; “Alvorada”, maio de 1946.

(71) “Getulino”, I, 31.

(72) “Getulino”, II, 64.

não se estende para além do período brasileiro; o glorificado não é jamais o africano, mas o afro-brasileiro.

Entretanto, com o desenvolvimento do pan-americanismo e o aumento das tradições, ha, na imprensa mais recente, uma tendência para valorizar o negro em geral, e não somente o afro-brasileiro. Mas, prestemos bem atenção, esse negro que se valoriza é sempre o negro ocidentalizado, europeu ou americano, o negro assimilado a valores que não são os de seus antepassados, mas os dos países brancos, Langston Hughes, por exemplo, ou René Maran (73). Isso faz com que, e esta será a nossa última observação sobre esses artigos de ordem cultural a valorização do preto resume-se definitivamente em mostrar a capacidade de assimilação total do preto à cultura do branco.

Mas a valorização não somente se orienta para o passado; ela termina por uma ética do futuro. E aqui precisamos voltar ao preconceito de côr. Esse preconceito é sem dúvida uma consequência da pretensão de uma raça que se crê superior; mas, é preciso confessar que o preto parece dar razão ao branco, oferecendo-lhe a imagem de um povo satisfeito por vegetar no porão da civilização. Para fazer cessar o preconceito, não basta denunciar o branco, é preciso ainda mostrar-lhe do que é capaz um homem de côr (74). Do mesmo modo, si o imigrante faz retroceder o preto, não foi somente porque o ajudava uma política de solidariedade ariana, mas porque o preto não lutou com armas iguais; é a preguiça do “nacional” que é a melhor salvaguarda da ascensão do estrangeiro. A valorização do negro não pôde, pois, consistir em uma simples apologia dos grandes homens; deve-se demonstrá-la na ação cotidiana. E é assim que a imprensa de côr vai ser no Brasil o grande instrumento do puritanismo preto.

Os sociólogos norte-americanos estudaram muito bem esse puritanismo nos Estados Unidos; viram nele o sinal da ascensão racial, a característica da formação de uma classe média, a linha de separação da plébe de côr, preguiçosa, alcoolizada, supersticiosa, imoral e da aristocracia da raça, instruída, trabalhadeira, vivendo na dignidade e na respeitabilidade (75). Fenômeno análogo produz-se no Brasil: depois da

(73) “Alvorada”, novembro de 1945, p. 3; “Getulino”, I, 20.

(74) “Getulino”, I, 5; II, 60.

(75) Sobre o puritanismo negro, ver, por exemplo: **Dollard**: “Caste and Class in Southern Town”, cap. 17; **H. Powdermaker**: “Alter Freedom”, cap. 5, 8, 17; **Frazer**: “The Negro Family”, sobretudo o cap. 12.

libertação dos corpos, ha ainda uma outra libertação a fazer, a dos espíritos, que é preciso libertar das cadeias da ignorância. Todos os jornais fazem apêlo à instrução, assim como muitas associações abrem escolas noturnas; é pelo livro que o preto subirá, que se tornará igual ao branco e será recebido por ele (76). De fato, em uma sociedade em que o preconceito de côr se confunde em grande parte com o preconceito de classe, é saindo da classe proletária, emburguezando-se, que o homem de côr destruirá o preconceito que sobre ele pésa. Si alguns textos parecem denunciar uma especie de superstição do livro, em geral, porém, o preto não procura na instrução senão um meio de melhorar sua vida económica; encontra-se mesmo uma crítica de uma empregada desajustada pela cultura e o que se recomenda aos pais, não é tanto o ensino clássico como o ensino técnico, profissional (77). Certo pragmatismo transparece, um utilitarismo bem compreensível, aliás. E também, o que é importante anotar, os líderes não cáem no que se chamou outrora de mulatismo intelectual, que consiste em fazer alarde de leituras não digeridas. Ao contrário, a instrução jamais é encarada senão marchando par a par com a educação e a formação do caráter (78). E chegamos, assim, ao elemento essencial do puritanismo preto, o culto das conveniências.

Si empregamos o termo puritanismo de preferêcia ao de moralidade, é porque a moralidade é essencialmente subjetiva, ao passo que o puritanismo dá atenção antes de mais nada ao que se vê, ás manifestações exteriores e que pôdem classificar um sêr no interior de um grupo. Sociológicamente o puritanismo liga-se ao desenvolvimento da burguesia, e tornou-se um critério de ingresso na pequena burguesia, de participação da classe média. Faz-se entre os brancos uma imagem estandardizada do negro, como preguiçoso, ladrão, bêbado e debochado; em grande parte, a recusa do branco em aceitar empregados de côr está ligado à força dessa representação. É preciso, pois, destrui-la criando outra imagem, suscitando, por conseguinte, outro tipo de negro, que será valorizado moralmente. Mas, como se vê, o que vale é o comportamento mais que a atitude interior. A moraliza-

(76) "Getulino", I, 35 (art. de Lino Guedes), II, 56 (versos de A. Marquez). "A Vóz da Raça", I, 16, 18, 31, 32.

(77) "Senzala", n. 1, p. 20. Cf. "A Vóz da Raça", II, 39: "Não é só nos bancos de uma escola que se encontra a emancipação moral do negro. Não basta saber ler, é preciso saber uzar a ferramenta. Em vez de divagações literarias é preciso formar a orientação profissional".

(78) "A Vóz da Raça", I, 20.

ção se faz de fóra para dentro, e não de dentro para fóra. E isso até ao ponto de se confundirem regras de boa conduta com as regras das conveniências. O motor da atitude vem a ser aquele mesmo que define o gênero da vida da pequena classe média: o que dirão?

Daí, primeiramente, a condenação do alcoolismo, que transforma o homem em animal e que é considerado sob a fórmula da bebedeira, como distintivo da classe baixa (79). E depois o apêlo tão frequente a maior dignidade nas relações entre o homem e a mulher. Si os brancos têm uma opinião tão desfavoravel da moça de côr, a culpa é em grande parte dos bailes negros, que são lugares de perdição; isso não quer dizer que não devam se divertir, mas que o façam honestamente (80); nem que os diretores das associações dansantes sejam culpaveis: no salão todo mundo se conduz bem (81); depois, ha a rua e a culpa é dos pais, que não vigiam suficientemente os filhos. Não se encontram mais nos lares as virtudes antigas, o respeito aos pais, a obediencia e a modestia; dá-se aos jovens demasiada liberdade (82). Em toda a parte em que o branco possa encontrar pessoas de côr, é preciso que este ultimo seja um modêlo de virtude em particular nesses "footings", como o da rua Direita: "E' preciso acabar com os ajuntamentos de don juans sem escrúpulos, de rodinhas de incomportados. E' necessario extinguir esses fôcos de obcenidades que provocam as cênas mais encandalosas; esse misturar de homens e mulheres sem a minima sombra de pudor, sem nenhuma compostura. É urgente acabar com esse relaxamento que depõe contra os nossos fóros de raça progressista. É imprescindivel uma reforma nos costumes, nos gestos" (83). O mais grave é que esse relaxamento dos costumes penetrou até no domínio religioso e que nas festas católicas, pensa-se mais no "namoro" que na piedade (84). A terceira condenação é a da preguiça, da vagabundagem e da mendicidade, que coloca o preto em situação de inferiori-

(79) "A Vóz da Raça", I, 27; III, 46.

(80) "A Vóz da Raça", II, 34 (Idéia tambem de que numa associação negra o aspecto diversões deve vir depois do aspecto educação).

(81) "Progresso", IV, 37; "Kosmos", I, 2; "A Vóz da Raça", II, 34; I, 22: "Fala-se muito que é preciso acabar com os bailes porque são antros de perdição. Nem todos o são. O que é preciso é que as moças compareçam aos bailes acompanhados pelas mães ou irmãos ou pais". "A Vóz da Rapa". II, 67: (sôbre os bailes de negros). Acontece, aliás, que a imoralidade se introduz no interior; é preciso castigar os elementos perturbadores.

(82) "A Vóz da Raça", III, 55; "Getulino", I, 17; "A Vóz da Raça", III, 45.

(83) "A Vóz da Raça", III, 63 e 64.

(84) "Xauter", I, 2.

dade em relação ao branco que lhe faz a caridade (85); a raça só se elevará pelo amor ao trabalho (86).

Esse puritanismo chegará até a regulamentar o modo de vestir, pois, o que vale é o que se vê, por causa da associação que não se deixa de fazer entre o exterior e as disposições da alma: não se podem admitir as moças de côr com vestidos muito curtos, as pernas sem meias (87). “A Voz da Raça” cria uma secção, sob o titulo “O que nós devemos saber”: pôr um lenço na boca antes de espirrar, não sair com meias furadas ou com roupas sujas, não convidar os amigos para “matar o bicho”, mas sim para tomar um café, não fumar em casa de familia quando se está de visita, a menos que o dono da casa tenha já começado a fumar... Numa palavra, é preciso criar um meio digno, respeitoso, sério, de trabalho e de honestidade, de boas maneiras e de linguagem decente (88).

Os temas que estudamos e que fomos obrigados a separar para comodidade de estudo nem sempre estão separados nos artigos; entrecruzam-se, como fios de côres diversas empregados na mesma trama. E’ assim que o puritanismo é ao mesmo tempo valorização e protesto contra o preconceito de côr. Tende-se a passar da negrura da pele á negridão da alma; mas a alma não tem côr; as qualidades da intelligência e as virtudes morais são da mesma natureza entre todos os homens; daí a importância do espiritualismo no pensamento afro-brasileiro. Esse idealismo dos sentimentos ou do pensamento está ligado à fuga para além das distinções de epiderme; é preciso cultivar não o que distingue, mas o que unifica, identifica, iguala, isto é, o que é espiritual. O hábito não faz o monge; a côr da pele não tem mais importância do que a das roupas ou dos calçados. O que vale é a luminosidade de um coração puro (89).

A questão que surge aqui é saber si não ha opposição entre esta segunda fórmula de valorização e a valorização do passado afro-brasileiro de que falamos antes. Os líderes não crêem nisso, porque os grandes homens de que fazem o elogio são símbolos justamente dessas qualidades de trabalho, de cultura e de moralidade, testemunhas da evolução da raça. Ha, entretanto, algumas dificuldades, e primeiramente Palma-

(85) “A Vóz da Raça”, II, 44.

(86) “A Vóz da Raça”, III, 46.

(87) “A Vóz da Raça”, I, 22; I, 29.

(88) “A Vóz da Raça”, I, 30; II, 35; II, 46.

(89) “A Vóz da Raça”, III, 60. “Alfinete”, I, 2. “Getulino”, I, 41.

res. Não oferece ele um exemplo de oposição á bondade da raça africana, tantas vezes afirmada, um exemplo de revolta, de ódio racial, de resistência á assimilação e ao puritanismo? E' curioso notar que a imprensa de côr não elogia as grandes revoltas negras, como a dos Malês ou dos Nagôs da Bahia. Si Palmares faz excepção é porque é considerado não como um modêlo de revolta, mas como um primeiro passo para a libertação da Colonia, um primeiro grito de Independência (90). Mas, ha uma outra dificuldade — o folclóre.

A valorização do passado devia, ao que parece, terminar em um valorização do que é mais tipicamente africano no no folclóre e onde se manifesta melhor o genio ritmico de uma cultura, original e saborosa, como as religiões afro-brasileiras, candomblés ou xangôs. Ora, os textos em favor da conservação desses elementos originaes são raros, algumas transcrições, como o estudo de Heckel Tavares sobre o maracatú (91); ou o projeto da extensão da liberdade de culto às religiões afro-brasileiras (92). Em geral, porém, esta imprensa se levanta com indignação contra os batuques, os sambas, as dansas populares herdadas dos antepassados (93). Sente-se que se quer esquecer tudo o que liga um pouco mais de perto o preto contemporâneo à sua pátria de origem. O emburguezamento triunfa aqui do orgulho racial.

Sob uma fórmula especial, é sempre o mesmo drama, que é não somente o drama da imprensa, mas o de todas as associações de pretos, e que provêm de um duplo movimento contraditório, centrípeto e centrífugo, um que faz o preto se separar (as associações dansantes dos grupos de côr são fechadas aos brancos), que o faz se entusiasmar com seus proprios valores, e outro na direção da assimilação, da mistura dos sangues e das culturas, no caminho inverso da formação de uma consciência de côr.

Como se vê. a valorização do preto ocupa lugar de primeiro plano na imprensa que estudamos. Mas, raramente

(90) Num dos artigos da "A Vóz da Raça" (I, 17) encontra-se o sentimento desse medo diante de Palmares, que poderia ser considerado pelos adversarios da raça como sinal de violência nativa: "A não ser a insurreição de 1837 na Bahia e a comoção de Palmares, nada, mais de anormal encontrará o historiador".

(91) "A Vóz da Raça", III, 52; I, 14.

(92) Proclamação dos líderes pretos de 5 de abril de 1945.

(93) "A Vóz da Raça", I, 10 e 32. "Em maio de 1933 protestamos contra o costume dos festeiros de instituírem o samba e o batuque á porta das igrejas. Hoje registramos, com prazer, que as festas de São Benedito, em Sorocaba, decorreram com grade brilho e animação, sem samba, batuque e cachaça". Entretanto, encontra-se uma apologia do samba em "Alvorada", junho de 1946.

ela se eleva até se exprimir numa filosofia geral do africanismo ou até a formação de um mito. O único exemplo que encontramos de um esforço para elaborar uma sistemática da raça negra é o artigo de Olimpio Moreira da Silva: "O que foi a raça negra" (94). Resumamo-lo brevemente, pois, não lhe falta interesse : dez mil anos antes de J. C., só havia três raças civilizadas, a raça vermelha na Atlantida, a raça amarela na Lemuria e a raça preta na Africa; a raça branca era então selvagem. Catástrofes destruíram as duas primeiras civilizações e não restou mais do que uma só raça civilizada, a preta, na Africa, Arabia, Persia e na India, com seus conhecimentos astronômicos e mágicos, sua arte militar e sua ciência do governo político. Mas os brancos (ou Celtas) mais selvagens fizeram uma guerra de morte aos pretos, repelindo-os primeiramente para a Asia e Africa; então a India constituiu o centro da sua civilização, uma India que ignorava o regime de castas, mas que era dirigida, nessa época, pelo Filho do Sol, o Imperador geral dos negros, Rawhar, e abaixo deste, pelas assembleias corporativas eleitas pelos pais e mães de família, e um Sacerdote encarregado de descobrir os segredos do universo. Os Celtas, para melhor triunfar, organizaram um sacerdócio de imitação, o dos Druidas, mais selvagem, com sacrificios humanos, e continuaram sua guerra vitoriosa, impelindo finalmente os negros para a Africa, onde caíram em decadência; a era dessa decadência terminará um dia e o preto retomará sua supremacia.

* * *

Sob essa valorização pelo emburguezamento, é possível descobrir, na imprensa negra, outros valores, outras representações coletivas, mais antigas mas transformadas, racionalizadas. Sabe-se, por exemplo, a importância que o Carnaval tem para o preto e ninguém se esqueceu das páginas de Arthur Ramos sobre as diversas funções desse carnaval das ruas (95). A imprensa de côm mostra bem que, mesmo em São Paulo, o carnaval é a festa máxima: o lugar da preparação dos blocos, dos cordões, na rubrica destinada às notícias da vida das associações, é particularmente grande. Mas, para melhor poder penetrar na mentalidade do preto moderno, para ser mais facilmente aceito, o carnaval vai ser objeto de uma justificação: vai se transformar num meio de instrução, e não

(94) "A Voz da Raça", I, 20, 21, 25, 31, 32 e 33.

(95) Arthur Ramos: "O folclore negro no Brasil", p. 274-276.

mais de divertimento; não permite ele que se aprenda um pouco de história e de mitologia por meio dos seus carros alegóricos? Os versos que se cantam não são a expressão da poesia popular e ao mesmo tempo o embrião dos cânticos e orfeões futuros? E a solidariedade dos blocos carnavalescos não prevalece sobre a orgia, fazendo assim do carnaval uma escola de virtudes? (96).

Outro exemplo é o do culto da mãe. Sem dúvida, esse é um tema caro tanto ao brasileiro branco como ao homem de cor. Na sociedade patriarcal, a libido brasileira fixa-se sobre a mãe e se manifestará logo que as eclusas anti-sentimentais se abrem, isto é no momento do romantismo. Mas, o preto, além disso, viu sua família destruída pelo regime da escravidão e pela separação dos sexos nas senzalas. A criança é criada pela mãe; e o tipo de família maternal continuará a existir no Brasil, como nos Estados Unidos, na população de cor, sobretudo nas classes baixas. Daí o apêgo do preto à mãe, “a Mãe, símbolo; a Mãe, instituição; a Mãe, amor; a Mãe, grandeza; a Mãe, humanidade”. Mas, esse apêgo é agora racionalizado pela sua integração num sistema total, moral-católico, de ética; é uma virtude como as outras e entre outras; entretanto, e é o que resta do passado, de todas as virtudes é esta que fornecerá o maior número de artigos e certamente os mais comoventes. Ela se concretizará no projeto de monumento à Mãe Preta ou à instituição de um Dia da Mãe (97).

Assim percorrendo a imprensa negra, o sociólogo pôde seguir a evolução da classe de cor. Sabe-se que nos tempos coloniais os escravos estavam divididos em nações, angola, congo, nagô, creoula, cada uma com suas tradições, e que se mantinham ferozmente hostis umas às outras. No pensamento dos Senhores, tratava-se de impedir a formação de uma consciência racial. E saíram-se tão bem que os movimentos insurreccionais, antes de explodir, eram já conhecidos pelos brancos, pelas denúncias das outras nações. O preto teve sempre o senso da associação; quando as nações desapareceram, foram substituídas pelas múltiplas associações, cuja lista ocupa páginas inteiras dos jornais.

(96) “Getulino”, I, 40 (artigo de Fonseca): “Carnaval e educação”

(97) Artigos sobre o culto da mãe: “Getulino”, I, 16; I, 29; “A Voz da Raça”, I, 19. Sobre o projeto de monumento à Mãe Preta: “Clarim d’Alvorada”, VI, 20 e sobre a instituição de um Dia da Mãe Negra: “Alvorada”, setembro de 1945.

Em certa medida, pôde-se mesmo dizer que a imprensa preta saiu desse movimento associativo; muitos jornais são primitivamente órgãos de um clube que procura estender-se. E não obstante os jornalistas se queixam do individualismo do negro, da falta de espírito de solidariedade. De fato, não se trata de individualismo, mas de conflito de associações umas com as outras. A “Frente Negra” quis, justamente passar desse associacionismo fragmentário a uma solidariedade global. Vê-se através da “A Voz da Raça” que ela encontrou sempre oposições entre os seus correligionários. Mais recentemente, os paulistas de côr tentaram federalizar-se. Esses movimentos alcançarão êxito um dia. Mas, no momento, pôde-se dizer que a mentalidade afro-brasileira, tal como aparece na sua imprensa, é uma mentalidade tribal, sendo a etnia substituída pela concorrência dos grupos de cultura, de dança, de beneficência (98).

Eis aí, parece-nos, o retrato que o brasileiro de côr fez de si mesmo. Ao mesmo tempo que o desenhamos, pudemos ver qual era a função da imprensa negra. Apesar de sua pequena tiragem e da fragilidade de alguns desses jornais, sua finalidade é múltipla e sua utilidade incontestável. Serve, em primeiro lugar, naturalmente por tornar conhecidas as convocações individuais, pelo correio, dos comitês de membros contribuintes. Permite aos escritores de côr, que dificilmente podem escrever na imprensa nacional, publicar seus versos ou contos; serve pois, para revelar novos talentos. É também o órgão da formação dos líderes: é aí que forjam suas primeiras armas, que tateiam a opinião do povo, que se impõem ou falham. E’ enfim, e sobretudo, um órgão de reivindicação, de solidariedade e de educação; de reivindicação, contra tudo o que seja em detrimento da elevação do brasileiro de côr; de solidariedade, porque somente a união poderá quebrar o preconceito de côr; de educação, porque o preto só subirá com mais instrução e mais moralidade, e com mais confiança no seu proprio valor (99).

(98) Críticas recíprocas entre associações de pretos: “Getulino”, I, 2; II, 50; “Xauter”, I, 2: falando de “Menelik” diz “onde o idiotismo anda de braço dado com a ignorância”; “O Clarim”, I, 1: contra os líderes que se servem de suas associações de classe para subir e não para servir, impedindo toda solidariedade; “A Voz da Raça”, I, 11; I, 16; I, 17; I, 18; I, 30; II, 34 (contra o grupo Visconde do Rio Branco); II, 40; “Alvorada”, setembro de 1945, etc.

(99) Nosso estudo era já acabado, quando tivemos possibilidade de ler o artigo de Virginia Leone Bicudo, “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em S. Paulo”, confirmando alguns pontos de nosso trabalho (Sociologia, IX, 3, 1947).

Indústria Gráfica José Magalhães Ltda., à Rua Spartaco, 215

Pede-se permuta

Pidese canjã

We ask for exchange

On demande l'échange

Man bittet um Austausch

Si richiede lo scambio

**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E
ANTROPOLOGIA**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo

Rua Maria Antônia, 294 – 2.º

Caixa Postal N.º 8.105

SÃO PAULO
Brasil